

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

**Relação entre Orientação de Metas, percepção do Contexto Motivacional e Percepção de  
Competência Física de Crianças praticantes de esporte**

**Dissertação de Mestrado**

**Marcos Antônio de Souza**

**Porto Alegre**

**2006**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

**Relação entre Orientação de Metas, percepção do Contexto Motivacional e Percepção de  
Competência Física de Crianças Praticantes de Esporte**

**Marcos Antônio de Souza**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. PhD. Nádia Cristina Valentini

**Porto Alegre**

**2006**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
Aprova a Dissertação de Mestrado intitulada

**Relação entre Orientação de Metas, percepção do Contexto Motivacional e Percepção de  
Competência Física de Crianças Praticantes de Esporte**

Elaborada por  
Marcos Antônio de Souza

Como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências do Movimento  
Humano

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. PhD. Nádia Cristina Valentini

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Adroaldo Cesar Araújo Gaya

---

Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti

---

Prof. Dr. Fernando Copetti

Porto Alegre  
2006

## **AGRADECIMENTOS**

À professora PhD., Nadia Cristina Valentini, por sua dedicação na construção deste trabalho, pois sem a mesma, teria sido difícil tê-lo concretizado. Meus sinceros agradecimentos.

À minha família, que sempre me apoiou, principalmente, aos meus pais.

Aos meus colegas e amigos que foram muito importantes para mais esta conquista.

Aos professores, técnicos e alunos que colaboraram para a realização dessa pesquisa.

A Deus...

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi investigar a Orientação de Metas, a percepção do Contexto Motivacional e os níveis de Percepção de Competência Física bem como, as relações entre estes três construtos motivacionais, em crianças praticantes de esporte, com a finalidade de identificar as direções e associações desses construtos. A abordagem quantitativa, de cunho relacional, foi utilizada. A amostra, desta pesquisa, foi composta de 245 atletas, com idades entre 9 e 12 anos, sendo 168 atletas do sexo masculino e 77 do sexo feminino, todos esportistas de modalidade coletiva. Os instrumentos utilizados, para coleta das informações, foram o POSQ (Questionário de Percepção de Sucesso no Esporte), O PMCSQ-2 (Questionário de Percepção do Clima Motivacional no Esporte-2) e a Subescala de Percepção de Competência Física). Os resultados encontrados mostraram que os atletas, a percepção do Contexto Motivacional de prática esportiva orientada para a Maestria estava relacionado com percepções elevadas de Competência Física ( $\rho = 0,203^{**}$ ;  $p = 0,001$ ). Atletas que perceberam o Contexto Motivacional orientado para o Ego perceberam-se menos competentes ( $\rho = - 0,017$ ;  $p = 0,793$ ). A relação entre o Contexto Motivacional orientado para Maestria e a Orientação de Metas para Maestria foi regular, positiva e significativa ( $\rho = 0,352^{**}$ ;  $p = 0,000$ ). A relação entre a Percepção do Contexto Motivacional orientado para o Ego e a Orientação de Meta para o Ego foi fraca, positiva e significativa ( $\rho = 0,299^{**}$ ;  $p = 0,000$ ). Os atletas da amostra, que evidenciaram uma moderada Orientação de Meta para a Maestria, evidenciaram, também, uma moderada Percepção do Contexto Motivacional orientado para Maestria, e moderados escores de Percepção de Competência Física. Os Atletas, que evidenciaram uma percepção do Contexto Motivacional orientado para o Ego, apresentaram menores escores de Percepção de Competência Física. Quanto as questões de gênero e idade não foi encontrada diferença, estatisticamente significativa, entre os gêneros, na Orientação de Meta para a Maestria ( $H= 0,014$ ;  $p = 0,906$ ). Quanto a idade não foi encontrado diferença significativa entre as idades na Orientação de Meta para o Ego ( $H=4,397$ ;  $p=0,222$ ) e na Orientação de Meta para Maestria ( $H=3,231$ ;  $p= 0,357$ ). Pode-se concluir que crianças atletas deste estudo apresentam níveis moderados de motivação para Maestria. Pôde-se verificar que, mesmo aqueles atletas que tiveram escores mais preponderantes na Orientação de Metas para o Ego, também obtiveram moderados escores de Percepção de Competência Física. O desenvolvimento de sentimentos e percepções positivos, na prática esportiva, poderá fazer com que atletas mantenham suas motivações para prática esportiva ao longo de sua vida. Por fim, este estudo indica que os professores e/ou técnicos podem manipular o Contexto Motivacional de prática esportiva, fazendo com que atletas adotem condutas motivacionais apropriadas, para ter-se um bom desenvolvimento esportivo e educacional adequado, de crianças e jovens praticantes de esporte.

Palavras-chave: Percepção de Competência Física, Orientação de Metas, percepção do Clima Motivacional.

## ABSTRACT

The objective of this research was to investigate the Goal Orientation, Context Motivacional's perception and the levels of Perception of Physical Competence and the relationships among these three constructs motivacionais, in athletes, with the purpose of identifying the directions and associations of those constructs in the Motivation for athletes' Conquest. The quantitative approach, of stamp relational, it was used. The sample, of this research, was composed of 245 athletes, with ages between 9 and 12 years, being 168 athletes male and 77 female, all sportsmen of collective modalities. The used instruments, for collection of the information, they were POSQ (Questionnaire of Perception of Success in the Sport), PMCSQ-2 (Questionnaire of Perception of the Climate Motivacional in the Sport-2) and Subscale of Perception of Physical Competence). The found results showed that the athletes, that noticed the Context Motivacional of sporting practice guided for the Mastery, they obtained larger punctuation scores in the Perception of Physical Competence ( $\rho = 0,203^{**}$ ;  $p = 0,001$ ) than athletes that noticed the Context Motivacional guided for the Ego ( $\rho = -0,017$ ;  $p = 0,793$ ). Context Motivacional's perception guided for Mastery went to regulate, positive and significantly related with the Orientation of Goal for the Mastery ( $\rho = 0,352^{**}$ ;  $p = 0,000$ ). Context Motivacional's Perception guided for the Ego was weak, positive and significantly related with the Orientation of Goal for the Ego ( $\rho = 0,299^{**}$ ;  $p = 0,000$ ). The athletes of the sample, that obtained a moderate Orientation of Goal for the Mastery, obtained, also, a moderate Perception of the Context Motivacional guided for Mastery, and moderate scores of Perception of Physical Competence ( $M = 2,89$ ;  $SD = 0,47$ ). The Athletes, that presented a perception of the Context Motivacional guided for the Ego, they presented smaller scores of Perception of Physical Competence ( $\rho = -0,017$ ;  $p = 0,793$ ). it was not found difference, significant statistical, among the goods, in the Orientation of Goal for the Mastery. ( $H = 0,014$ ;  $p = 0,906$ ). Conclusion. It can be concluded that the sample of this study is, in what he/she refers to the formation of goals for conquest in the sporting way, being worked satisfactorily, as it can be seen in the moderate scores found motivacional. The development of feelings and positive perceptions, in practice sporting, he/she can do with that athletes maintain their motivations for sporting practice along his/her life. It can be verified that, even those athletes that had more preponderant scores in the Orientation of Goals for the Ego, also obtained moderate scores of Perception of Physical Competence. Finally, this study indicates that the teachers and/or technicians can manipulate the Context Motivacional of sporting practice, doing with that athletes adopt conducts appropriate motivacional, to have a good sporting and education development, of children and young athletes.

Key Words: Physical Competence, Goal Orientation, Perceived Motivational Climate.

## SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	iv
RESUMO.....	v
ABSTRACT.....	vi
1 Introdução.....	10
1.2 Justificativa.....	12
1.3 Objetivos.....	14
1.2.1 Objetivo Geral.....	14
1.2.2 Objetivos Específicos.....	14
1.3 Definição Operacional das Variáveis .....	15
1.4 Delimitações e Limitações.....	16
2 Revisão de Literatura.....	17
2.1 Motivação para a Conquista e Orientação de Metas.....	17
2.2 Orientação de Metas e Motivação Intrínseca.....	20
2.3 Orientação de Metas e Percepção de Competência.....	22
2.4 Orientação de Metas e Causas de Sucesso Esportivo.....	26
2.5 Contexto Motivacional e Percepção do Contexto Motivacional.....	27
2.6 A percepção do Contexto Motivacional e relações com a Motivação Intrínseca, as Causas de Sucesso no Esporte, as Fontes de Satisfação, a Previsão de Respostas Motivacionais, e a Percepção de Habilidade.....	29
3 Metodologia.....	33
3.1 População e Amostra.....	35
3.2 Procedimentos.....	35
3.3 Instrumentos.....	35
3.4 Análise dos Dados.....	38
4. Resultados e Discussão.....	39
4.1 Estatística Descritiva da Amostra.....	39

4.1.1 Orientação de Metas.....	41
4.1.2 Percepção do Contexto Motivacional.....	43
4.1.3 Percepção de Competência Física.....	47
4.2 Comparação entre gêneros.....	48
4.2.1 Orientação de Metas.....	48
4.2.2 Percepção do Contexto Motivacional.....	49
4.2.3 Percepção de Competência Física.....	50
4.3 Comparação entre Idades.....	51
4.3.1 Orientação de Metas.....	51
4.3.2 Percepção do Contexto Motivacional .....	52
4.3.3 Percepção de Competência Física.....	53
4.4 Associações entre os construtos Motivacionais.....	54
4.4.1 Orientação de Metas e Percepção do Contexto Motivacional e Percepção de Competência Física.....	54
4.4.1.1 Orientação de Metas e Percepção do Contexto Motivacional.....	55
4.4.1.2 Orientação de Metas e Percepção de Competência Física.....	56
4.4.1.3 Percepção de Competência Física e Percepção do Contexto Motivacional.....	58
4.5 As relações entre os diferentes níveis de Percepção de Competência Física com as variáveis motivacionais.....	59
4.5.1 Níveis de Percepção de Competência Física, Orientação de Metas e Percepção do Contexto Motivacional.....	59
4.5.1.1 Níveis baixos de PCF.....	60
4.5.1.2 Níveis Moderados de PCF.....	61
4.5.1.3 Níveis Altos de PCF.....	63
5 Conclusão.....	65
6 Referências.....	70



## LISTA DE TABELAS

**Tabela 1.** Mediana e Percentis para o total da amostra e estratificado por gênero e Idade.

**Tabela 2.** Correlações nos construtos motivacionais com o total da amostra (n=245).

**Tabela 3.** Níveis Baixos ( $\leq 2,63$  pontos) de Percepção de Competência Física (N=60).

**Tabela 4.** Correlação com níveis moderados de Percepção de Competência Física. ( $2,64 \leq 3,11$  pontos). (N=97).

**Tabela 5.** Correlação com Níveis Altos de Percepção de Competência Física. ( $\geq 3,12$  pontos) (N=88).

## **1 Introdução**

Atualmente, estudos realizados sobre a motivação, para conquista no esporte, têm sugerido a teoria de Orientação de Metas como uma importante linha de investigação dos processos motivacionais (ROBERTS, 1992). Essa perspectiva prevê que o indivíduo inserido no esporte pode engajar-se em duas Orientações de Metas distintas, uma orientada para a Maestria e a outra orientada para o Ego. (NICHOLLS, 1984, 1992).

Segundo Nicholls (1984,1992), quando um indivíduo adota uma orientação para a Maestria, o foco de atenção centra-se na aprendizagem, no aperfeiçoamento e na conquista da tarefa. Para estes indivíduos a Percepção de Competência é auto-referenciada, ou seja, comparada a sua própria performance, e o critério de sucesso é baseado no esforço realizado para atingir o mesmo, e não na avaliação e na comparação de sua habilidade com a de outros. Por outro lado, quando se adota uma orientação para o Ego, a tendência do atleta é buscar demonstrar superioridade sobre os outros, visto que a Percepção de Competência é normativamente referenciada, o critério de sucesso está, geralmente, baseado na comparação da habilidade própria com a de outros atletas (NICHOLLS 1984,1992).

Na estrutura teórica, proposta por Nicholls (1984, 1992), a Percepção de Competência é um construto central para o entendimento das características motivacionais de crianças e jovens. Nicholls (1984) sugere que o atleta se esforça para adquirir competência em ambientes de conquista, e, dependendo da Orientação de Meta que o mesmo adota, este irá julgar sua competência e definir sucesso e fracasso numa perspectiva subjetivamente diferente a de outro atleta.

Outro fator, capaz de influenciar a Orientação de Meta que o atleta adota e ao mesmo tempo ser influenciado por esta, é o contexto motivacional (SEIFRIZ, DUDA & CHI, 1992). O contexto motivacional diz respeito às estratégias utilizadas no ambiente de aprendizagem por professores e/ou técnicos, que tendem a induzir os indivíduos para diferentes interpretações de sucesso e esforço (AMES, 1984, 1992; AMES & ARCHER, 1988). Não somente como o contexto é estruturado, mas também como o indivíduo o percebe, pois é importante para o entendimento da motivação no esporte. A influência significativa que os componentes situacionais (ambiente de aprendizagem, pais, técnicos, amigos, colegas) têm na formação do contexto motivacional e, conseqüente percepção deste contexto pelos praticantes

de esporte, ou de atividade física, tem sido foco de interesse de vários pesquisadores (NTOUMANIS, BIBBLE, 1999; SEIFRIZ, DUDA, CHI, 1992; TREASURE, ROBERTS, 1992; WALLING, DUDA, CHI, 1993).

Estudos, investigando a percepção dos indivíduos, com relação ao contexto motivacional no meio esportivo, foram, primeiramente, desenvolvidos por Seifriz, Duda e Chi (1992) e Walling, Duda e Chi, (1993). Esses pesquisadores, em geral, investigaram o tipo de contexto motivacional criado pelos técnicos nos treinamentos e competições, bem como as relações entre pares presentes em suas equipes. Dois contextos motivacionais têm sido identificados: um voltado para a Maestria e outro voltado para o Ego. Seifriz, Duda e Chi (1992) sugerem que o Contexto Motivacional Orientado para a Maestria encontra-se positivamente relacionado com o prazer pela prática esportiva, e que os atletas percebem que são avaliados nas diferentes habilidades de acordo com suas habilidades anteriores.

Walling, Duda e Chi (1993) enfatizam que os atletas, que perceberam o Contexto Motivacional orientado para a Maestria, indicavam grande satisfação em fazer parte da equipe e também apresentavam baixos índices de preocupação com a performance esportiva. Entretanto, os atletas, que perceberam o Contexto Motivacional Orientado para o Ego, apresentaram maiores níveis de preocupação com as performances esportivas e obtiveram menores índices de satisfação em fazer parte da equipe.

Em geral, estudos realizados, até o momento (DUDA, NICHOLLS, 1992; DUDA, 1996; FONTAYNE, SARRAZIN, FAMOSE, 2001; GIMENO, GARCIA, RIVAS, 1999; NICHOLLS, 1992; ROBERTS, 1992; ROBERTS, TREASURE, 1992), evidenciam que a motivação pode ser estudada por meio da Orientação de Metas adotada pelo atleta, por meio da forma com que o mesmo percebe o Contexto Motivacional e por meio das Percepções de Competência que o mesmo expressa.

Partindo-se, portanto, da concepção de que a motivação é influenciada por fatores individuais e situacionais, e que o atleta pode orientar suas ações ou julgamentos, em duas diferentes perspectivas, Maestria ou Ego orientado, e que o ambiente onde se dá a relação, entre os atletas, pode influenciar na disposição de adotar algumas metas em detrimento de outras; para este estudo elaborou-se o seguinte problema:

Como se manifesta a Orientação de Meta, a percepção do Contexto Motivacional e a Percepção de Competência Física, em praticantes de esporte dos 9 aos 12 anos de idade, e de que forma estas estão relacionadas?

## **1.2 Justificativa:**

As diferentes teorias esportivas motivacionais desenvolvidas, desde a década de 80 até os anos atuais, procuram conhecer e compreender o comportamento humano, bem como os fatores que motivam e direcionam indivíduos a engajarem-se e permanecerem no contexto da prática esportiva (DUDA, 1992, 1996; NEWTON, DUDA & YIN, 2000; ROBERTS, 1992; ROBERTS & TREASURE, 1992; SEIFRIZ, DUDA & CHI, 1992; TREASURE & ROBERTS, 1995, 1998; WALLING, DUDA & CHI, 1993).

Os estudos realizados sobre motivação para conquistas, em contextos educacional e esportivo, em geral, estruturam-se sobre os princípios teóricos da psicologia social cognitiva (AMES, 1984, 1992; AMES & ARCHER, 1988; NICHOLLS, 1992; ROBERTS, 1992). Nessa perspectiva, a Orientação de Metas, a Percepção de Competência e o Contexto Motivacional são todos fatores importantes que parecem estar relacionados para determinar os padrões de comportamento adotados por diferentes alunos e atletas em ambientes de aprendizagem (AMES, 1984; AMES & ARCHER, 1988; DWECK, 1986; NICHOLLS, 1992).

Com relação ao contexto motivacional, Ames (1984, 1992) e Ames e Archer (1988) desenvolveram estudos procurando investigar a influência que o mesmo exerce na motivação para aprendizagem das crianças. Seus estudos inspiraram outros autores a investigarem a influência do Contexto Motivacional na motivação intrínseca, e nas crenças sobre as causas de sucesso e fracasso no esporte, abrindo um promissor campo de investigação para os profissionais da área esportiva (SEIFRIZ, DUDA & CHI, 1992).

Em relação à Orientação de Metas, os autores sugerem que a Orientação de Metas para o Ego, adotada por atletas, somadas a baixas Percepções de Competência dos mesmos, pode aumentar a probabilidade de ocorrer o abandono da prática desportiva (FOX, GOUDAS, BIDDLE et al., 1994). Sendo, portanto, que a desistência no esporte, entre outros fatores,

pode ocorrer em função de fatores contextuais, como, por exemplo, a pressão psicológica (técnicos, pais, colegas, torcedores) e pela própria Orientação de Meta adotada por um atleta (ROBERTS, 1992). A permanência na prática esportiva parece, portanto, estar fortemente ligada ao Contexto Motivacional orientado para a Maestria aliada à orientação pessoal de fazer o melhor, sem comparar, sistematicamente, sua habilidade com a de outros atletas (DUDA, 1996).

É importante observar que a maioria dos estudos realizados, até o momento, tratam os fatores da motivação de forma isolada. Acredita-se que o entendimento das relações entre as percepções de competência e a orientação de metas adotadas pelos atletas, bem como do contexto motivacional em que o mesmo executa sua prática, poderão contribuir para o avanço na elaboração de novas estratégias de pesquisas e intervenções na área esportiva.

Gould e Weinberg (2001) sugerem uma perspectiva interacionista para a pesquisa, argumentando que a motivação resulta de fatores relacionados ao atleta, como necessidades, interesses e motivações pessoais, bem como de questões situacionais, como o estilo do professor ou do técnico, e a forma de como as atividades são realizadas nos treinamentos. Assim, é importante entender a interação entre a constituição pessoal do sujeito e a situação presente.

Tendo em vista os estudos desenvolvidos até o momento, permanece a necessidade de investigar a motivação esportiva no que se refere a análise desses fatores socio-psicológicos com jovens atletas envolvidos em programas esportivos, principalmente no Brasil. A maioria das investigações abordam, predominantemente, pesquisas com atletas adolescentes e adultos, deixando um significativo espaço a ser explorado nas faixas etárias de iniciação esportiva. Segundo Duda (1996), estudos que venham a acrescentar o entendimento dos problemas motivacionais, que permeiam o contexto de atuação esportiva de crianças e jovens atletas podem contribuir para a construção de uma Pedagogia do Esporte, que se direcione às necessidades e aos interesses desses.

## **1.3 Objetivos**

### **1.3.1 Objetivo Geral**

Identificar, descrever e comparar a Orientação de Metas, a percepção do Contexto Motivacional e os níveis de Percepção de Competência Física em meninos e meninas praticantes de esporte, e as relações entre estes três construtos motivacionais.

### **1.3.2 Objetivos Específicos**

Analisar, para descrever e comparar os seguintes construtos motivacionais:

- A Orientação de Metas de meninos e meninas praticantes de esporte entre 9 e 12 anos de idade;
- A percepção do Contexto Motivacional de meninos e meninas praticantes de esporte entre 9 e 12 anos de idade;
- Os Níveis de Percepção de Competência Física, manifestados por esses meninos e meninas entre 9 e 12 anos de idade.
- A relação entre a Orientação de Metas, percepção do Contexto Motivacional e os níveis de Percepção de Competência Física de crianças praticante de esporte.

#### 1.4 Definição das Variáveis

Orientação de Metas: é a orientação motivacional, adotada pelo atleta, em diferentes contextos. Duas direções distintas são observáveis, quando o atleta adota uma meta: Orientação de Meta para o Ego e Orientação de Meta para a Maestria. O ponto central de diferenciação das duas orientações é o conceito de habilidade e esforço. Na Orientação de Meta para o Ego quanto menos esforço o atleta evidencia em uma tarefa, mais habilidoso o mesmo se percebe. Na Orientação de Meta para a Maestria, o indivíduo diferencia esforço de habilidade, mas considera o esforço fundamental para o sucesso (NICHOLLS, 1984,1992).

Contexto Motivacional percebido: Conjunto de estratégias implementadas pelo técnico e as relações interpessoais entre os atletas, num determinado contexto, as quais determinam um ambiente motivacional, e podem conduzir a diferentes concepções e entendimento de aprendizagem e sucesso (AMES, 1984,1992; AMES & ARCHER, 1988). O Contexto Motivacional orientado para o Ego é o contexto estruturado pelo técnico, ou professor, de forma a comparar a performance entre os atletas na prática esportiva, punir os atletas pelos erros cometidos e promover a rivalidade dentro da equipe. No Contexto Motivacional orientado para a Maestria, o técnico ou professor tendem a promover o desenvolvimento das habilidades sem comparar as habilidades entre os jogadores da equipe, procuram promover aprendizagem cooperativa e vêem os erros como parte do aprendizado (NEWTON, DUDA & YIN, 2000; SEIFRIZ, DUDA & CHI, 1992; WALLING, DUDA & CHI, 1993).

A Percepção de Competência Física é um construto central no desenvolvimento do autoconceito global do ser humano. A percepção de competência diz respeito a o quanto um indivíduo julga-se competente ou habilidoso em um determinado domínio (HARTER, 1978). Os níveis de Competência Física percebidos que são expressados por atletas, parecem estar intimamente ligados à forma de como as habilidades são avaliadas por pares e pessoas significativos, como por exemplo, pais, professores ou técnicos (HARTER, 1978). No presente estudo será investigado somente as Percepções de Competência Física dos participantes.

## **1.5 Delimitações**

A pesquisa delimitou-se a clubes esportivos da cidade de Porto Alegre, restringindo-se a amostra da população a atletas dos 9 aos 12 anos de idade. A pesquisa foi realizada com uma amostra de quatro modalidades coletivas: Futsal, Voleibol, Futebol de campo e Basquetebol.



## 2 Revisão de Literatura

### 2.1 Motivação para a Conquista e Orientação de Metas

A motivação para conquista tem sido uma perspectiva teórica, utilizada em estudos, que objetivam a investigar as interações sociais e afetivas que permeiam e direcionam os padrões motivacionais de atletas, na prática esportiva em geral (DUDA, 1996; NICHOLLS, 1984, 1992; ROBERTS, 1992; ROBERTS & TREASURE 1992).

Nicholls (1984, 1992) sugere que duas Orientações de Metas são possíveis de serem adotadas por um atleta em um contexto de conquista. Essas duas tendências são denominadas de Orientação de Meta para o Ego e Orientação de Meta para a Maestria. Nicholls (1984) sugere, ainda, que a Orientação de Metas para Maestria é um estado psicológico, onde o indivíduo preocupa-se em desenvolver e demonstrar competência para si, não comparando suas habilidades com as de outros, enquanto que, na Orientação de Metas para o Ego, o indivíduo demonstrará satisfação por tarefas em que o mesmo possa demonstrar maior habilidade que seus pares. Duda e Nicholls (1992) sugerem que é pouco provável o atleta adotar as duas orientações ao mesmo tempo, e/ou adotar somente uma orientação em todas as experiências acadêmicas e esportivas.

Quando um praticante de esporte realiza uma tarefa com o objetivo de aprender, de auto-superação, a meta adotada por esse volta-se à maestria (AMES, 1984, 1992). Um atleta com essa Orientação de Meta, em geral, engaja-se na aprendizagem com padrões adequados de motivação para a prática esportiva, seja no contexto educacional, ou no desportivo (DUDA & NICHOLLS, 1992; ROBERTS, 1992) tendendo a apresentar: (1) maior motivação intrínseca (WHITE & DUDA, 1994); (2) prazer pela prática esportiva (DUDA, 1992); (3) maior persistência, (DUDA et al., 1992; WALLING, DUDA & CRAWFORD, 1992) e (4) níveis mais elevados de condicionamento físico (WHITE & DUDA, 1994).

Quando um praticante de esporte adota uma Orientação de Metas para o Ego, em geral, é porque o mesmo está preocupado em demonstrar maior habilidade em relação a outros (AMES, 1984, 1992; DWECK, 1986, NICHOLLS, 1984, 1992). O atleta com Orientação de Metas para o Ego tende: (1) a manifestar maior motivação extrínseca; (2) buscar reconhecimento social (WHITE & DUDA 1994); (3) demonstra maiores índices de

depressão (BOYD, CALLAGHAN & YIN, 1991 apud WALLING, DUDA & CHI, 1993); (4) demonstrar menor prazer nas atividades e maior índice de ansiedade cognitiva pré-competição, (DUDA, NEWTON & CHI apud WALLING, DUDA & CHI, 1992); (5) evidencia maior probabilidade de abandonar a prática desportiva, ou seja, mostrava-se mais susceptível a exibir comportamento não adequado no ambiente de aprendizagem (EWING apud ROBERTS & TREASURE, 1992).

A adoção de Orientação de Metas para a Maestria é mais constantemente observada em jovens atletas. Ewing apud Roberts e Treasure (1992) verificou que as atletas mais jovens, de um grupo de crianças e adolescentes entre 12 e 15 anos de idade, manifestavam, mais freqüentemente, uma Orientação de Metas para Maestria do que uma Orientação de Metas para o Ego. Entretanto, os atletas podem apresentar também uma Orientação de Metas mistas. Ewing, Roberts e Pemberton apud Roberts e Treasure (1992), em um estudo realizado com atletas de 9 a 14 anos de idade, observaram que os atletas de 9 a 11 anos adotavam tanto orientação para o Ego quanto para a Maestria.

A faixa etária e o gênero parecem influenciar a adoção de uma Orientação de Metas. Com relação à idade, observam-se resultados contraditórios nas pesquisas. Em uma investigação realizada por Buchan e Roberts apud Roberts e Treasure (1992), os autores verificaram diferenças na adoção de Orientação de Metas por atletas na faixa etária dos 9-10 e 13-14 anos de idade. Os autores estabeleceram e confirmaram a hipótese de que os atletas mais velhos são os que apresentaram valores mais elevados de Orientação de Metas para Ego, quando comparados com os atletas mais novos, que foram, predominantemente, orientados para a Maestria. Entretanto, Ewing apud Roberts e Treasure (1992) demonstraram que atletas entre 12 e 15 anos de idade, manifestavam, mais freqüentemente, uma Orientação de Metas para a Maestria do que uma Orientação de Metas para o Ego. Ainda mais, em outro estudo realizado por Ewing, Roberts e Pemberton apud Roberts e Treasure (1992), com atletas de 9 a 14 anos de idade, os autores encontraram diferenças na Orientação de Metas, ou seja, os atletas que estavam entre 9 e 11 anos apresentaram Orientação de Metas mistas, ou seja, adotaram tanto Orientação de Metas para o Ego quanto Orientação de Metas para Maestria.

Quanto ao gênero, Buchan e Roberts apud Roberts e Treasure (1992) verificaram, nas suas investigações, que os atletas do gênero masculino, manifestaram valores mais altos para a Orientação de Metas para o Ego do que os atletas do gênero feminino. Semelhantes

resultados são reportados por White e Duda (1994), os quais sugerem que homens são predominantemente Ego orientado quando comparados às mulheres. Nesse estudo, as atletas expressaram, como objetivo, na prática esportiva, desenvolver suas habilidades e aumentar seus níveis de condicionamento físico. Por outro lado, os atletas buscavam competir e demonstrar superior habilidade em relação a outros atletas, e obter reconhecimento social.

Na estrutura teórica, proposta por Nicholls (1984), diferenças na adoção da Orientação de Metas refletem diferentes concepções de habilidade. Especificamente, quando se tem uma Orientação de Metas para Maestria, o atleta tem tendência de não diferenciar a habilidade de esforço. O critério de avaliação de sucesso, numa atividade, estará relacionado, entre outros fatores, ao esforço empregado para realizar esta tarefa e não ao reconhecimento dos outros. O fracasso, nesta perspectiva, é visto como falta de esforço e dedicação. Para o atleta que adota a Orientação de Meta para o Ego, o fracasso é entendido, geralmente, como falta de habilidade, ou de capacidade (NICHOLLS, 1984). O autor sugere, ainda, que o sucesso, para um atleta, que adota a Orientação de Meta para o Ego é conseguir demonstrar capacidade superior em relação aos outros e conseguir realizar uma tarefa com menos esforço. É importante ressaltar que este tende, ainda, sempre, a proteger sua habilidade diante de possíveis fracassos.

Em suma, observa-se que ainda não estão bem definidas as diferenças de gênero e idade quanto a adoção de uma orientação de meta. O que se têm observado nos estudos citados acima é que crianças tendem adotar Orientação de Meta para Maestria mais do que para o Ego. Pois podem também adotar as duas orientações motivacionais. Por outro lado, os jovens tendem a adotar mais orientação para o ego do que para maestria. Segundo Duda (1996) essas questões de gênero e idade ainda permanecem sem maiores esclarecimentos, pois os estudos já realizados não foram suficientes para esclarecer essas diferenças desenvolvimentais existentes na adoção de metas de orientação.

## 2.2 Orientação de Metas e Motivação Intrínseca

Estudos evidenciam uma relação positiva entre a orientação de metas e a motivação intrínseca (DUDA et al., 1995; SYMEON & BIDDLE 1996; VLACHOPOULOS & BIDDLE, 1996; WHITE & DUDA, 1994).

Duda et al., (1995) realizaram um estudo com estudantes universitários (21,1 média de idade), sendo homens (74) e mulheres (47), envolvidos com atividades de prática esportiva de diferentes níveis de habilidade e tempo de prática, nas modalidades de basquetebol e voleibol. O objetivo dos autores era investigar a relação entre a Orientação de Metas, e às dimensões da motivação intrínseca e gênero. Uma análise de correlação, entre, Orientação de Metas e as sub-dimensões da motivação intrínseca, foi realizada, separadamente, para os homens, para as mulheres e para os dois grupos juntos. Embora não significativa para as mulheres, uma positiva associação foi revelada para as mesmas, entre a Orientação de Metas para Maestria e os índices de motivação intrínseca para o prazer, interesse e o esforço. Uma baixa, porém significativa correlação, emergiu entre a Orientação de Meta para Maestria e a Percepção de Competência para o total do grupo.

Outro estudo, conduzido por White e Duda (1994), evidenciou, também, uma significativa relação da Orientação de Metas adotada por um atleta, para a Maestria, com os interesses intrínsecos no contexto esportivo (afiliação, fazer parte de uma equipe). Os atletas que evidenciaram uma Orientação de Metas para o Ego, apresentaram maiores relações com interesses extrínsecos (reconhecimento social, competir para demonstrar habilidades superiores).

Duda et al., (1995) realizaram em uma pesquisa, dois estudos para verificarem as relações entre a Orientação de Metas adotadas por atletas e quatro fatores da motivação intrínseca (prazer/interesse, percepção de competência, esforço/importância e pressão/tensão). O primeiro estudo foi desenvolvido com universitários (107), sendo homens (39), e mulheres (68), com média de idade de vinte anos. Uma análise de variância multivariada foi conduzida para determinar se havia diferenças de gênero na Orientação de Metas adotada e nos índices de motivação intrínseca. Os resultados sugerem que não houve diferença significativa para a Orientação de Metas adotada entre homens e mulheres, indo ao encontro com os resultados do

estudo de White e Duda (1994). Nos índices de motivação intrínseca, os homens evidenciaram índices de percepções de competência mais altos do que as mulheres, e também apresentaram maiores índices de tensão e pressão psicológica. Na análise de correlação, realizada para verificar a relação entre a Orientação de Metas, adotada para o grupo dos homens e das mulheres com a motivação intrínseca, os resultados sugerem que os homens e as mulheres, que adotaram uma Orientação de Metas mista (Ego e Maestria), evidenciaram significativa relação com a sub-dimensão prazer e interesse. As mulheres, com Orientação de Metas adotada, predominantemente, para a Maestria, evidenciaram uma positiva associação com a sub-dimensão esforço. Entre os homens, uma maior Orientação de Metas adotada para a Maestria, correspondeu a menores índices de pressão e tensão psicológica.

Em geral, como sugerem Duda et al. (1995), a ênfase na Orientação de Metas para Maestria adotada correspondeu a maiores índices positivos de motivação intrínseca. Ainda, uma significativa e negativa correlação emergiu entre a Orientação de Metas para o Ego e a sub-dimensão da motivação intrínseca, prazer e interesse na modalidade esportiva praticada. Uma maior Orientação de Metas para o Ego adotada pelos homens nesse estudo, repercutiu em uma menor valorização dos mesmos pelo esporte e pelo esforço na prática esportiva. Enquanto que, os homens, com uma alta Orientação de Metas para a Maestria, também tiveram experiência de menor pressão e tensão psicológica na prática esportiva. A Orientação de Metas para o Ego, adotada pelos atletas, no total, foi negativamente associada aos escores da motivação intrínseca. Uma análise de correlação canônica foi conduzida nesse estudo, para determinar, também, a relação entre a Orientação de Metas para a Maestria e para a Orientação de Metas para o Ego, com os índices de motivação intrínseca para o total da amostra. Uma significativa função canônica emergiu, revelando que altos índices de Orientação de Metas para Maestria, e baixos índices de Orientação de Metas para o Ego corresponderam a uma grande percepção de prazer e interesse pela prática esportiva.

No estudo realizado por Symeon e Biddle (1996), com adolescentes de uma escola privada, na Inglaterra, meninos (N=248) e meninas (N=56) com média de idade de 13.23 anos, investigou-se a Orientação de Metas (Maestria e ou Ego) estaria relacionada com a motivação intrínseca representada nas dimensões: (1) prazer e interesse; (2) esforço; (3) competência e (4) pressão e tensão psicológica. Os autores dividiram a amostra total em 4 grupos, por um sistema de categorias de valores na escala de Orientação de Metas (Maestria e Ego) de acordo com escores obtidos: 1) baixa Orientação de Meta para a Maestria com baixa

Orientação de Meta para o Ego; 2) baixa Orientação de Meta para a Maestria com alta Orientação de Meta para o Ego; 3) alta Orientação de Meta para Maestria com baixa Orientação de Meta para o Ego; 4) alta Orientação de Meta para Maestria com alta Orientação de Meta para o Ego. Os resultados encontrados, pelos autores, demonstraram que os adolescentes no grupo de alta Orientação de Meta, tanto para Maestria quanto para o Ego, obtiveram maiores índices de correlação na dimensão prazer e interesse do que os jovens do grupo de baixa Orientação de Meta para a Maestria e alta Orientação de Meta para o Ego. Para a dimensão esforçar-se e atribuir importância à atividade, foi mostrado que indivíduos que evidenciaram alta Orientação de Meta para Maestria, baixa Orientação de Meta para o Ego, e alta orientação nas duas Orientação de Metas tiveram escores significativamente maiores do que o grupo com baixa Orientação de Meta para Maestria e Orientação de Meta para Ego. Segundo os autores, os resultados revelaram consequências positivas, motivacionais, como por exemplo, dedicação e cooperação, para quem adotou unicamente a Orientação de Meta para Maestria, ou para quem adotou esta em combinação com a Orientação de Meta para o Ego.

De maneira geral, os estudos revisados mostram uma relação entre a Orientação de Metas e os fatores da motivação intrínseca. A adoção da Orientação de Metas para Maestria parece estar relacionada a fatores da motivação intrínseca, enquanto que a adoção de uma Orientação de Metas para o Ego parece estar mais relacionada com dimensões extrínsecas, como, por exemplo, pressão e tensão no meio esportivo.

### **2.3 Orientação de Metas e Percepção de Competência**

A investigação da motivação, no esporte, também tem sido realizada por meio de estudos que buscam o entendimento do que significa sucesso e fracasso para um atleta. Nesse contexto, Duda e Nicholls (1992) têm relacionado a Orientação de Metas adotada e a Percepção de Competência demonstrada pelos mesmos (Gould & Weinberg, 2001). Nicholls (1984) aborda a importância de se predizer quando um atleta procurará ser competente, e como, este, julga e avalia sua competência. O conceito de habilidade, que um atleta possui, é o ponto chave para entender a motivação para conquista e sua percepção de sucesso. Nicholls (1984,1992) argumenta, ainda que, crianças não diferenciam habilidade de esforço. Somente

por volta dos 12 anos os indivíduos expressam uma diferenciada concepção de habilidade, e passam a entender que a habilidade depende da capacidade. Nicholls (1984, 1992) sugere, ainda, que a crítica diferenciação, desses conceitos, estabelece-se quando os indivíduos conseguem diferenciar habilidade de esforço e habilidade de capacidade. Quando esses conceitos se diferenciam, o emprego de esforço constante, numa tarefa, poderá deixar este atleta mais vulnerável a sentir-se incompetente, principalmente quando outro consegue realizar a mesma tarefa com menos esforço.

Nicholls (1989) apud Overway et al., (2004) sugere que a premissa básica, da teoria de Orientação de Metas, é que o atleta mantenha o esforço para adquirir competência em ambientes de conquista. A proposta da teoria é que, dependendo da Orientação de Metas (Maestria ou Ego) adotada por um atleta, este irá julgar sua competência e definir sucesso e fracasso numa perspectiva subjetivamente diferente de outro atleta que adote uma outra Orientação de Metas. Pesquisas (AMES, 1984; DWECK & LEGGETT, 1988; NICHOLLS, 1984) sugerem que atletas que têm alta percepção de habilidade são mais motivados em participar de tarefas que requeiram um alto grau de destreza e, conseqüentemente, trabalham arduamente e se divertem na realização das tarefas propostas. Por outro lado, as atletas que têm baixa percepção de habilidade exibem um baixo nível de motivação na realização de tarefas, evidenciam baixa persistência, frente as dificuldades do treinamento e, pouco se divertem na aquisição de habilidades.

Nicholls (1984, 1992) propõe que, quando um atleta evidencia níveis altos de Percepção de Competência, este manifestará padrões de comportamento adaptativos em ambos contextos motivacionais para a conquista, Maestria e Ego. Entretanto, se um atleta não possuir níveis altos de Percepção de Competência, manifestará padrões motivacionais de comportamento mal adaptativos, principalmente se sua orientação for para o ego.

Semelhante perspectiva é expressada por Dweck (1986), sugere que conseqüências mal adaptativas ocorrem quando uma baixa percepção de habilidade é acompanhada por uma Orientação de Metas para o Ego. Entretanto, comportamentos adaptativos ocorrem em indivíduos tanto com orientação para a Maestria quanto para o Ego, quando se evidenciam altos níveis de percepção de habilidade.

Roberts e Treasure (1992) reforçam esta perspectiva, enfatizando que, quando uma atleta possui uma Orientação de Meta para Maestria, e percebe-se com níveis de competência acima da média, ele tende a focar no esforço, tenta, persistentemente, superar o fracasso e persiste por um maior tempo numa tarefa. Entretanto, se a atleta tiver uma Orientação Meta para o Ego e perceber-se com baixa Percepção de Competência Física, exibirá características de comportamento mal-adaptado para a aprendizagem, tendendo a não persistir em uma tarefa que demande maior tempo e esforço.

Elliott e Dweck apud Ommundsen (2001) sugerem, ainda, que atletas, em Contexto Motivacional Orientado para Maestria, manifestam padrões adaptativos de aprendizagem, independente de seus níveis de Percepção de Competência. Ao contrário, padrões de aprendizagem adaptativos exibidos pelos atletas em Contexto Motivacional Orientado para o Ego, dependem dos níveis de Percepção de Competência desses indivíduos. Assim, os atletas com altos níveis de Percepção de Competência tendem a exibirem padrões de aprendizagem adaptativos. Aqueles atletas, com baixos níveis de Percepção de Competência exibiriam padrões mal-adaptativos de aprendizagem.

Segundo Whitehead (2003), Nicholls (1984) e Dweck (1986, 1999), a percepção de habilidade de um atleta media os fatores que fazem com que o atleta adote uma perspectiva comparativa de conquista, ou seja, comparar suas conquistas com a de outro atleta. Porém, segundo os autores, isso parece não acontecer para um atleta que compara novas habilidades desenvolvidas com suas habilidades anteriores. Quando o sucesso é comparado ao desempenho de outros atletas, em uma determinada tarefa, o nível de habilidade é um critério crítico para essa comparação. Todavia, quando o sucesso é auto-referenciado, ou seja, quando o atleta compara seu progresso consigo mesmo, a habilidade é vista como uma capacidade a ser aperfeiçoada, e passa a não ser um problema para este atleta, pois o aperfeiçoamento, o progresso pessoal podem ser alcançados.

Portanto, o atleta constrói diferentes concepções de habilidade ao longo de sua experiência esportiva. A primeira está presente quando a intenção de um atleta é realizar uma tarefa o melhor possível, fazer bem, com Maestria, uma determinada tarefa. A segunda concepção de habilidade é baseada no processo de comparação social, onde o atleta julga sua habilidade em relação à habilidade dos outros (NICHOLLS, 1984, 1992).



Suportando estas considerações, as pesquisas têm evidenciado relações entre o contexto motivacional e as percepções de competência. Dunn, (2000); Newton e Duda, (1999); Sandage, Duda, Ntoumanis, (2003); Silon e Harter, (1985); Weiss, Bredemeier e Shewchuk, (1986), sugerem que o contexto motivacional pode direcionar o atleta a adotar diferentes concepções de aprendizagem e habilidade. Essas relações têm sido investigadas em vários estudos. No estudo de Weiss, Bredemeier e Shewchuk (1986), por exemplo, conduzido com jovens atletas (N=155), sendo meninos (N=86) e meninas (N=69) com média de idade de 10.2 anos, foi investigada a relação entre a orientação motivacional, a percepção de competência, a percepção de controle e a conquista no domínio desportivo. Os resultados encontrados permitiram aos autores sugerirem, que níveis mais elevados de Percepção de Competência conduziam os atletas a optar por tarefas desafiadoras, assim como se opunham, também, às tarefas fáceis quando propostas pelo professor. Maiores níveis de Percepção de Competência levaram, também, as crianças atletas a desenvolverem senso interno de sucesso, ou fracasso, tornando-se mais independente de fontes externas de avaliação, tais como o “feedback” do professor.

Em outro estudo, este conduzido por Newton e Duda (1999) com jogadoras de voleibol adolescentes, os resultados sugerem que em contextos de aprendizagem voltados para a maestria, as adolescentes atletas demonstravam-se capazes de julgar de forma auto-referenciada sua competência, ou seja, capazes de comparar seu nível de desempenho atual em uma habilidade com o nível que possuía em uma habilidade, anteriormente. Os autores inferiram que atletas jovens, motivados para a Maestria, provavelmente não se sentiram incompetentes nas habilidades que aprenderam e executaram.

A Orientação de Metas parece influenciar a Percepção de Competência, sendo que atletas que adotam a Orientação de Metas para o Ego, preocupam-se em avaliar se a sua habilidade é suficiente, ou insuficiente, para alcançar um determinado objetivo. Se o atleta julgar não ter habilidade suficiente para determinada tarefa, irá atribuir-se características de incapacidade para solucionar um determinado problema. Por outro lado, o atleta, que adotar uma Orientação de Metas para Maestria, preocupa-se em aumentar sua competência e alcançar a Maestria numa determinada tarefa. Se um atleta orientado para a maestria não alcançar sua meta, o mesmo tende a perceber que o esforço despendido e as estratégias usadas não foram suficientes, e devem ser re-planejadas. Nessa condição, o fracasso é entendido

como um desafio a ser superado, e um maior empenho torna-se necessário.

#### **2.4 Orientação de Metas e Causas de Sucesso Esportivo**

Como atletas percebem o sucesso esportivo têm sido uma linha de estudo na motivação esportiva (LOCHBAUM & ROBERTS 1993; CERVELLÓ, ESCARTÍ & BALAGUÉ 1999; DUDA, FOX, BIDDLE & AMSTRONG, 1992).

No estudo realizado por Lochbaum e Roberts (1993) com 182 atletas do gênero masculino (M=16.1 anos) e 114 atletas do gênero feminino, (M= 15.7 anos) praticantes de esporte coletivo (voleibol, basquetebol, softball, natação) foi estudado a relação entre a orientação de metas com as percepções das causas de sucesso no esporte. Por meio de uma análise fatorial, observou-se que nas 33 questões do referido instrumento, para a percepção da causa de sucesso no esporte, 3 fatores emergiram: esforço conjunto, mudar as idéias e aprovação social. Ou seja, meninas e meninos vêem, como causas de sucesso, o trabalho em equipe e a busca de aprovação externa de pessoas significativas.

Semelhante interesse investigativo é observado no estudo de Cervelló, Escartí e Balagué (1999) realizado na Espanha, atletas (135), meninos (N=90), e meninas (N=44), com média de idade de 15.23 anos praticantes de atletismo e tênis. Entre os objetivos do estudo, estava o interesse em verificar a relação entre a Orientação de Metas e as crenças sobre as causas de sucesso esportivo. Os autores citados acima encontraram resultados semelhantes aos estudos americanos de Duda e Nicholls, (1992); Duda e White, (1992); How, Duda e Miller, (1993); na Inglaterra, Duda, Fox, Biddle e Armstrong, (1992); na Espanha, Guivernau e Duda, (1994), os quais sugerem que atletas, que adotam uma orientação motivacional para a Maestria, obtiveram como causas de sucesso esportivo, por exemplo, o esforço e a cooperação enquanto os atletas com orientação motivacional para o Ego atribuíam ao sucesso, uma maior habilidade esportiva. Por outro lado, o fracasso estava relacionado à falta de sorte, esforço e habilidade.

As causas de sucesso ou fracasso esportivo de atletas PNEE (Portadores de necessidades educativas especiais) também são de interesse investigativo. Gimeno, García e Rivas (1999) realizaram um estudo com 51 tenistas em cadeira de rodas, destes, quarenta e um em cadeira de rodas e onze não portadores de deficiência física. Os resultados sugerem que atletas PNEE e NPNEE tendem a crer que a motivação e o esforço são causas de sucesso

no esporte. Entretanto, Gimeno, Garcia e Rivas (1999) sugerem que para muitos atletas a crença de que o sucesso esportivo se alcança graças a posse de uma maior habilidade, é também presente. Os autores enfatizam que os resultados contraditórios não esperados podem ser resultado da pequena amostra de atletas, e por os mesmos serem atletas de elite.

Parece haver uma significativa relação entre a Orientação de Metas e as causas de sucesso esportivo. Os estudos citados acima mostram uma relação positiva para os atletas que atribuem o sucesso ao esforço e à motivação. Por outro lado, aos atletas que adotam uma orientação de meta para ego, a habilidade foi citada como a maior causa de sucesso esportivo.

## **2.5 Contexto Motivacional e Percepção do Contexto Motivacional**

Em relação ao Contexto motivacional, Ames (1992b) aborda que o entendimento dos fatores situacionais, como, por exemplo, as relações técnico-atleta, atleta-pais, e as influências que estes têm em orientar os contextos motivacionais, são fundamentais para uma maior compreensão dos processos cognitivos e afetivos da motivação. Essa autora sugere que professores e técnicos tendem a implementar diferentes estratégias na aprendizagem as quais reforçam a orientação motivacional para a maestria, ou a orientação para o ego. Segundo a autora, quando os indivíduos são avaliados com os seus progressos próprios, sem compará-los com as habilidades de outros, uma estratégia para a maestria se caracteriza. Por outro lado, se os estudantes são avaliados em relação a normas, padrões pré-estabelecidos, estratégias que tendem a orientar o indivíduo para o ego são implementadas. Quando atletas estão envolvidos em um ambiente motivacional que reforcem o ego é provável que demonstrem padrões motivacionais mal-adaptativos de aprendizagem. Os atletas envolvidos em contextos para maestria, provavelmente, demonstraram padrões motivacionais adaptativos para a aprendizagem (AMES & ARCHER, 1988).

Pesquisas realizadas por Ames e Archer apud Seifriz, Duda e Chi, (1992); Roberts, (1992); Treasure e Roberts, (1995); Walling, Duda e Chi, (1993) têm procurado investigar como o contexto motivacional influencia na adoção de uma determinada Orientação de Meta e como esta influência, nas respostas cognitivas, afetivas e comportamentais de um indivíduo

em diferentes contextos de aprendizagem, entre eles o esportivo. Treasure e Roberts (1995) sugerem que no contexto esportivo, as metas empregadas pelos técnicos são evidenciadas nos treinamentos pela forma com que este: (1) organiza os grupos de prática das habilidades; (2) fornece “feedback”; (3) avalia os atletas; (4) reage quando sua equipe perde, ou ganha; (5) estabelece expectativas em relação ao desempenho da equipe e de cada jogador. Esses fatores de intervenção técnico-esportivos, e as relações decorrentes dos mesmos, constituem-se na estrutura de base da criação do contexto motivacional na prática esportiva (ROBERTS, 1992).

No contexto desportivo, implementam-se oportunidades de aprendizagem e de competição que contribuem para o domínio otimizado de uma habilidade, ou seja, a Maestria. Segundo Roberts (1992), a competição como um meio para demonstrar superioridade e a competição na perspectiva da Maestria, são duas formas diferentes de interpretação e de ação. Quando o critério de sucesso adotado por um atleta, ou uma equipe, é a vitória, há um contexto motivacional voltado, predominantemente, para o Ego. Por outro lado, se a vitória é encarada como consequência da Maestria, o ter feito bem, para ter alcançado uma vitória, demonstra um contexto motivacional, orientado, predominantemente para a Maestria.

Roberts (1992) argumenta que o mais importante, para os treinadores, é a consistência do contexto motivacional criado por estes, buscando incentivar a adoção de uma Orientação de Metas para o atleta. Atletas podem sofrer mudanças de contexto, quando esses mudam de categoria, trocam de clube e se deparam com novas filosofias de trabalho. O contexto motivacional é reconhecido, portanto, como um importante mediador da adoção de Orientação de Metas, pelo atleta, em ambientes de conquista. A forma como o atleta irá interpretar esse contexto é determinante para o mesmo julgar seu sucesso ou insucesso em uma aprendizagem (AMES & ARCHER apud SEIFRIZ, DUDA & CHI, 1992).

Como as informações, provenientes do contexto, são usadas pelos atletas, para interpretar o sucesso esportivo, têm implicações significativas para os técnicos e professores, que estão interessados em motivar crianças e jovens atletas, para aquisição de habilidades e o desenvolvimento desportivo (WALLING, DUDA & CHI, 1993).

## **2.6 A percepção do Contexto Motivacional e as relações com a Motivação Intrínseca, as Causas de Sucesso no Esporte, as Fontes de Satisfação, a Previsão de Respostas Motivacionais, e a Percepção de Habilidade.**

Vários pesquisadores têm, também desenvolvido investigações com relação à percepção do contexto motivacional e construtos psicossociais, como a satisfação, a cooperação, o sucesso, a habilidade e a motivação intrínseca (DUDA & CHI, 1992; NEWTON & DUDA, 1999; OMMUNSEN et al., 1998; SEIFRIZ, ROBERTS & KAVUSSANU, 1998; TREASURE & ROBERTS, 1998; WALLING, DUDA & CHI, 1993), sugerindo que esses fatores influenciam a prática esportiva.

Procurando avaliar as estruturas psicológicas da motivação para a conquista, Seifriz, Duda e Chi (1992) desenvolveram um estudo para verificar a relação existente entre o contexto motivacional, os índices de motivação intrínseca, e as crenças sobre as causas de sucesso no esporte, com 105 jogadores de basquetebol, com uma média de idade de 16.5 anos. Os resultados encontrados apontaram que o contexto motivacional, percebido para a Maestria, encontrava-se positivamente e significativamente relacionado com o prazer pelo jogo. Esse contexto também se caracterizou como um ambiente de aprendizagem focado no aperfeiçoamento pessoal e na realização do melhor possível nos jogos de basquetebol. Por outro lado, não houve relação significativa entre o Contexto Motivacional Orientado para a Maestria e os índices de motivação intrínseca. Para os autores, os atletas, que perceberam o Contexto Motivacional Orientado para o Ego, evidenciaram a crença, de que o trabalho na equipe era objetivado para superar as habilidades de outros colegas. Os mesmos percebiam que os erros cometidos eram repreendidos, e que o reconhecimento era limitado aos atletas mais talentosos da equipe. Em contra partida, os atletas, que percebiam um Contexto Motivacional Orientado para a Maestria, demonstraram a tendência a possuírem uma Orientação de Meta para Maestria, e demonstravam dedicação e cooperação.

Walling, Duda e Chi (1993) realizaram um estudo semelhante ao de Seifriz et al., (1992), com 169 atletas, do sexo masculino e feminino, com uma média de idade de 14.2 anos, participantes das modalidades esportivas de beisebol, basquetebol, softball e futebol, com o objetivo de verificar a relação entre a percepção do contexto motivacional, com o grau de preocupação e de satisfação com a prática esportiva. Os resultados mostraram, que os

atletas, que perceberam o Contexto Motivacional Orientado para a Maestria, indicavam grande satisfação em fazer parte da equipe, e apresentavam baixos índices de preocupação com a performance esportiva. Os atletas que perceberam um Contexto Motivacional Orientado para o Ego apresentaram maiores níveis de preocupação com as performances desportiva, e obtiveram menores índices de satisfação em fazer parte da equipe.

Esses resultados são, também, semelhantes aos encontrados por Seifriz et al., (1992), onde a Percepção do Contexto Motivacional Orientado para a Maestria, estava correlacionada com um maior empenho dos atletas, maior satisfação em fazer parte da equipe, menor preocupação com o desempenho desportivo, e a crença de que o sucesso esportivo seria alcançado através do trabalho árduo. Ainda mais, a Percepção do Contexto Motivacional Orientado para o Ego, neste estudo, esteve associada a níveis mais altos de preocupação, menor satisfação em ser membro da equipe e a crença de que a habilidade superior levaria ao sucesso.

Outro foco de interesses de pesquisadores é a influência da percepção do Contexto Motivacional sobre as respostas cognitivas e afetivas de atletas universitários. O estudo conduzido por Ommunsen, Roberts e Kavussanu (1998) sugere que a percepção do Contexto Motivacional Orientado para a Maestria, estave positivamente relacionado com a Orientação de Meta para Maestria e com maiores índices de satisfação pelas informações que indicavam Maestria e progresso na aprendizagem das habilidades. Os atletas desse estudo também apresentaram estratégias de conquista mais funcionais, como por exemplo vontade de aprender e manter a prática nas atividades. Os atletas que perceberam um Contexto Motivacional Orientado para o Ego demonstraram menores índices de satisfação no esporte, tinham uma tendência de evitar a prática e “pensavam” o esporte como um meio de aumentar o status social e o reconhecimento público.

Ainda mais, para Ommunsen, Roberts e Kavussanu (1998), os técnicos são capazes de sustentar a motivação para a prática, direcionando seu reconhecimento ao esforço, ao trabalho duro e ao progresso pessoal dos atletas. Todos esses fatores são de controle do técnico na prática esportiva. Os autores sugerem que esse tipo de procedimento pode levar os atletas ao controle de suas próprias conquistas, influenciando, positivamente, na disposição para persistirem na prática esportiva, em busca de seus objetivos.

Em um estudo desenvolvido por Treasure e Roberts (1998), com 274 atletas do sexo feminino, com média de idade de 14.01 anos, participantes de um torneio de basquetebol, os autores analisaram a percepção do Contexto Motivacional Orientado para a Mestria e para o Ego, as crenças sobre as causas de sucesso esportivo e as fontes de satisfação da prática esportiva. Os resultados sugerem que os atletas, que perceberam o Contexto Motivacional Orientado para Maestria, tinham, como crença, que o esforço era uma importante causa de sucesso. Segundo os autores, os atletas, que perceberam este Contexto Motivacional, exibiram comportamentos autocontrolados, padrões adaptativos de motivação e manifestaram que o esforço e o trabalho árduo poderiam levar ao sucesso. Esses atletas também manifestam satisfação na experiência de maestria e na aprovação social de técnicos, pais e colegas. Os atletas que perceberam o Contexto Motivacional Orientado para o Ego acreditavam que, ter superioridade nas habilidades, e usar táticas enganosas, levariam ao sucesso. Os atletas que exibiam essa crença, associada a um pobre desempenho, e que apresentavam dúvidas de suas habilidades, manifestavam padrões motivacionais não adaptativos para a conquista. Para os atletas que perceberam o Contexto Motivacional Orientado para o Ego, a manifestação da satisfação era obtida através de informações que indicavam ser suas habilidades superiores à de outros.

Procurando ampliar o entendimento desses fatores motivacionais, Newton e Duda (1999) conduziram um estudo semelhante, com 388 jogadoras de voleibol, com média de idade de 15.16 anos, onde os autores analisaram os resultados de acordo com a interação entre a percepção do contexto motivacional, a Orientação de Meta adotada e a percepção de habilidade. Essas três variáveis foram relacionadas às variáveis da motivação intrínseca e as crenças sobre as causas de sucesso no voleibol. Os resultados encontrados apontaram que o prazer e o interesse foram positivamente relacionados à percepção do Contexto Motivacional Orientado para Maestria, enquanto que as experiências de tensão e pressão psicológicas foram, altamente, associadas com as percepções, do Contexto Motivacional Orientado para o Ego. A motivação intrínseca apresentou altos índices de associação com Orientação de Meta para Maestria.

Newton e Duda (1999) sugerem que a ênfase no aperfeiçoamento pessoal, e no Contexto Motivacional Orientado para a Maestria, pode aumentar o senso de autodeterminação e competência dos atletas. Por outro lado, os autores sugerem, ainda, que o Contexto Motivacional Orientado para o Ego pode conduzir a maiores níveis de tensão,

geralmente promovida pelo técnico, pressões, essas, que objetivam direcionar a ambição do atleta a ser o melhor da equipe, por exemplo. É importante ressaltar que, nesse estudo, os autores não encontraram interação significativa entre a Orientação de Meta, a percepção do contexto motivacional e a percepção de habilidade, quando conjuntamente relacionadas. Uma das explicações plausíveis, segundo os autores, é que houve uma alta percepção do Contexto Motivacional Orientado para Maestria das atletas, associada a uma alta percepção de habilidade, ocasionando uma certa homogeneidade do grupo, em relação a estas duas variáveis.

Para encerrar, no estudo de Petherich e Weigand (2002), realizado com atletas, meninos e meninas com média de idade de 14.53 e 15.47, respectivamente, por meio de análises de correlação evidenciaram que a percepção do Contexto Motivacional Orientado para o Ego, esteve positiva e significativamente relacionado com os índices de motivação extrínseca, e falta de motivação para meninos e meninas. A falta de motivação repercute em um maior risco de desistência esportiva. Atletas que perceberam o Contexto Motivacional Orientado para Maestria evidenciaram relação positiva com a motivação intrínseca, tanto os atletas do gênero masculino quanto do feminino.

Em termos gerais, são conhecidos dois contextos motivacionais no contexto desportivo, e que esses são capazes de influenciar positiva ou negativamente a aprendizagem, dependendo, entre outros fatores, da percepção de competência dos praticantes de esporte. Um contexto motivacional estruturado para a Maestria parece propiciar maior desenvolvimento nos fatores que levam ao aperfeiçoamento pessoal do indivíduo, conduzindo a crença de que o esforço é o principal agente da conquista. O Contexto Motivacional Orientado para o Ego tem uma maior probabilidade de levar a ocorrência de maior preocupação em conseguir superar a habilidade dos outros e à busca de conquistas com menor esforço, prejudicando, muitas vezes, a aprendizagem.



### **3.0 Metodologia**

Este estudo caracterizou-se por ser uma pesquisa descritiva, com método exploratório e correlacional, pois tratou-se de identificar e analisar a Orientação de Metas, (Maestria e Ego) a Percepção do Contexto Motivacional (Maestria e Ego) e a Percepção de Competência Física (THOMAS & NELSON, 2001), bem como a relação entre estas variáveis.

#### **Hipóteses da Pesquisa**

Com base nos pressupostos teóricos pesquisados na literatura as seguintes hipóteses foram elaboradas:

Com relação à Orientação de Metas, as seguintes hipóteses foram propostas:

H1: Crianças praticantes de esporte manifestariam predominantemente níveis mais elevados de Orientação de Metas para Maestria.

H2: Crianças praticantes do gênero feminino demonstrariam, predominantemente, a adoção de uma Orientação de Meta para Maestria, enquanto que os do gênero masculino adotariam, predominantemente, uma Orientação de Meta para o Ego.

H3: Crianças praticantes de esporte, nas diferentes idades, apresentariam adoção de metas semelhantes.

Com relação à Percepção do Contexto Motivacional, as seguintes hipóteses foram propostas:

H4: Crianças praticantes de esporte perceberiam no contexto motivacional como predominância a Orientação de Meta para a Maestria.

H5: Crianças praticantes de esporte do gênero feminino e masculino apresentariam percepções similares ao contexto motivacional.

H6: Crianças praticantes de esporte nas diferentes idades apresentariam percepções do contexto motivacional semelhantes.

Com relação às percepções de Competência Física, as seguintes hipóteses foram propostas:

H7: Crianças praticantes de esporte expressariam níveis de Competência Física elevada.

H8: Crianças praticantes de esporte do gênero masculino expressariam percepções de Competência Física mais elevadas quando comparadas às crianças atletas do gênero feminino.

H9: Crianças praticantes de esporte, nas diferentes idades, apresentariam percepções de Competência Física semelhantes.

Com relação às associações entre variáveis, as seguintes hipóteses foram propostas.

H10: A percepção do Contexto Motivacional orientado para a Maestria estaria positivamente relacionado à Orientação de Meta para a Maestria adotada por estas crianças praticantes de esporte.

H11: A percepção do Contexto Motivacional Orientado para o Ego, estaria positivamente relacionado à Orientação de Meta para o Ego adotado por crianças praticantes de esporte.

H12: A percepção de Competência Física estaria positivamente relacionada com a adoção de uma Orientação de Metas para a Maestria.

H13: A percepção de não Competência Física é mais evidente em indivíduos que adotam uma Orientação de Metas para o Ego.

H14: Crianças praticantes de esporte que percebem o contexto motivacional orientado para Maestria percebem-se competentes fisicamente.

H15: Crianças praticantes de esporte que percebem o contexto motivacional orientado para o Ego tendem a não perceberem-se competentes.

H16: Quando níveis de Competência Física diferenciados são observados, crianças que evidenciariam níveis moderados a alto de percepção de Competência Física apresentariam relações mais fortes entre as metas adotadas e as percepções do contexto motivacional.

### **3.1 População e Amostra**

A amostra, do presente estudo, foi do tipo intencional, e estratificada por gênero e idade (THOMAS & NELSON, 2001), da qual participaram 245 praticantes de esporte, com idades entre 9 e 12 anos, sendo, 168 do sexo masculino, 77 do sexo feminino, todos praticantes de esporte de modalidades coletivos (Futsal, Futebol de Campo, Vôlei e Basquete) de 4 clubes da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Em média, o total da amostra tinha 19,17 meses, de tempo de prática esportiva.

### **3.2 Procedimentos**

As direções dos clubes desportivos foram contatadas formalmente, com o objetivo de explicar o objetivo da pesquisa e a aplicação da mesma. Após a permissão da direção, foram contatados os técnicos das equipes, explicando o objetivo da pesquisa e solicitando o apoio dos mesmos para a realização. Um termo de consentimento, informando o objetivo da pesquisa, foi enviado aos pais dos atletas. Somente as crianças que retornaram o termo de consentimento, com a assinatura de seus pais, fizeram parte deste estudo.

De 20 a 30 minutos, foi o tempo necessário para que os praticantes de esporte respondessem os questionários. Os questionários foram respondidos de forma individual, sob a supervisão direta do pesquisador, o qual orientou os atletas a responderem o mais honestamente possível, uma vez que não existiriam respostas certas ou erradas.

### **3.3 Instrumentos**

Os questionários que foram utilizados, nesta pesquisa, são denominados de escalas Likert. Segundo Morrow et al., (2003), esse tipo de escala é usado para avaliar o grau de concordância, ou discordância, com certas afirmações apresentadas para serem respondidas. Os seguintes questionários foram utilizados na pesquisa:

Perception of Success Questionnaire (POSQ): questionário desenvolvido para identificação da Orientação de Metas de atletas. O POSQ (Questionário de Percepção de Sucesso no Esporte) é constituído pela descrição de doze (12) situações passíveis de ocorrerem em contextos desportivos. Para cada uma questão, o sujeito indica como se sentiria se ela ocorresse, efetivamente, com ele, através de uma escala Likert de 5 pontos (de 1=discordo totalmente a 5=concordo totalmente). Sendo que 6, das situações, relacionam-se com a Orientação de Meta para a Maestria, (exemplo: Sinto-me com mais sucesso quando demonstro clara melhoria no meu rendimento), e as outras 6 com a Orientação de meta para o Ego, (exemplo: Sinto-me com mais sucesso quando eu derroto os meus adversários).

Recente estudo, desenvolvido por Fonseca e Brito (2001), tem mostrado a validação e confiabilidade do Perception of Success Questionnaire (POSQ), desenvolvido por Roberts, Treasure e Balagué (1998), na sua versão para a língua portuguesa em Portugal. O POSQ está sendo validado, recentemente no Brasil, por Copetti, et al., (2005). A consistência interna dos questionários, obtida através do alfa de Cronbach, respectivamente, nos estudos citados anteriormente foi: 1) 0,84 para subescala Maestria e 0,78 para a subescala Ego. 2) 0,76 para a subescala Maestria e 0,75 para a subescala Ego. 3) 0,73 para subescala Maestria e 0,78 para subescala Ego. O que indica níveis aceitáveis e semelhantes à versão original.

O Perceived Motivational Climate in Sport Questionnaire (Questionário de Percepção do Contexto Motivacional no Esporte, PMCSQ-2) é utilizado para investigar a Percepção do Contexto Motivacional. Esse questionário contém 33 questões e tem sido utilizado para determinar a Percepção do Contexto Motivacional, pelos atletas, nos contextos esportivos.

O PMCSQ-2 foi desenvolvido por (NEWTON, DUDA & YIN, 2000), com base nos estudos de Ames (1984) e Ames e Archer (1988). As 33 questões do questionário estão divididas em 6 categorias, passíveis de acontecerem no contexto esportivo. As três categorias que avaliam o Contexto Motivacional orientado para a Maestria são: (1) o esforço/aperfeiçoamento das habilidades, (2) papel importante desempenhado na equipe e (3) cooperação na aprendizagem. As três categorias para o Contexto Motivacional, orientado para o Ego são: (1) o reconhecimento, (2) a punição pelos erros e (3) a rivalidade intra-equipe. Ao completarem o PMCSQ-2, os participantes são instigados a pensar como eles percebem a Contexto Motivacional na equipe, optando, através de uma escala Likert de 5 pontos (de 1=discordo totalmente a 5=concordo totalmente) pelo que corresponde ao que melhor

representa como ele percebe o contexto motivacional na equipe. Dezesete itens são designados para avaliar o Contexto Motivacional Orientado para Maestria, exemplo o item: “O técnico acredita que todos são importantes para a equipe”; e 16 itens para avaliar o Contexto Motivacional Orientado para o Ego, como, por exemplo, o item: “As estrelas do time recebem mais atenção do técnico”. Ambas subescalas obtiveram um alfa de Cronbach de 0,88 para o Contexto Motivacional Orientado para a Maestria e 0,87 para o Contexto Motivacional Orientado para o Ego (NEWTON, DUDA & YIN, 2000). Vários estudos têm utilizado o PMCSQ-2 e demonstrado a consistência interna e validade fatorial deste questionário (OVERWAY, et al., 2004; REINBOTH & DUDA, 2005).

Para avaliar a Percepção de Competência Física, dos atletas, foi utilizada a escala “The Self-Perception Profile for Children,” elaborada por Susan Harter em 1985. A escala contém seis subescalas, cinco de domínios específicos (competência escolar, aceitação social, competência atlética, aparência física, e conduta comportamental) e a subescala do autoconceito global, que refletem as diferenças dos indivíduos nos vários domínios de sua vida, proporcionando uma imagem do autoconceito. Cada uma das subescalas contém seis itens, constituindo um total de 36 itens organizados em uma estrutura de respostas alternativas. Primeiro, os atletas são solicitados a decidirem com qual dos dois atletas descritos na escala eles mais se parecem, e, então, marcarem se a descrição escolhida é realmente verdadeira, ou somente parte verdadeira. Os escores, para cada item, valem de 1 (baixa Percepção de Competência Física) a 4 (alta Percepção de Competência Física), o intervalo dos escores de Percepção de Competência Física varia de 6 a 24.

Para este estudo foi utilizado somente a subescala de Competência Atlética. Essa subescala consiste em seis itens, como, por exemplo, o item: “algumas crianças fazem muito bem todos os tipos de esportes, mas outras crianças não percebem que elas são boas quando praticam esportes”. A fidedignidade da subescala de competência atlética varia de acordo com a amostra utilizada. Em geral, a validade das questões, para os diferentes grupos da amostra, apresentou níveis de saturação fatorial superior a 0.30. Theeboom, Knop & Weiss (1995) obtiveram na sua amostra 0.68 de consistência interna. Wilvock e Valentini (2005) apresentaram índices de fidedignidade na escala de Percepção de Competência Física de 0,74 num estudo com crianças do ensino fundamental.

### **3.4 Análise dos Dados**

As escalas e a subescala, que foram utilizadas nesta pesquisa, variam em sua pontuação, respectivamente, de 1 a 5 pontos (Orientação de Metas e Percepção do Contexto Motivacional), e de 1 a 4 pontos (Percepção de Competência Física).

Técnicas de estatística descritiva, de tendência central, mediana e percentis, testes de normalidade dos dados, bem como as frequências de distribuição dos atletas nos diferentes questionários, foram utilizadas. Com o objetivo de analisar a relação entre os três construtos motivacionais, foram realizadas análises de correlação de Spearman's, que possibilitaram verificar a força, o sinal e a significância das correlações.

Para comparação no gênero e idade o teste de Qui-quadrado foi utilizado. Os níveis de significância aceitos foram abaixo de 0,05.

Os softwares utilizados, para o processamento dos dados foram o SPSS, versão 10.0 e Excel, versão 6.0.

## **4.0 Resultados e Discussão**

Neste capítulo serão descritos os resultados encontrados, de acordo com os testes estatísticos realizados e, posteriormente, discutidos tópico a tópico.

A Confiabilidade do PMCSQ-2, obtido através do Alfa de Cronbach foi de 0,80, tendo então o instrumento, uma consistência interna válida para prosseguir as análises na amostra desse estudo.

As proposições estatísticas para a utilização do teste de correlação de Person não foram confirmadas. Os valores do teste de Kolmogorov Smirnov encontrados supõem que a amostra tem uma distribuição anormal, não possibilitando, assim, a aplicação de testes paramétricos. Os níveis de significância do KS foram: Orientação de Meta para o Ego  $p=0,002$ , Orientação de Meta para Maestria  $p=0,000$ , Percepção de Competência Física  $p=0,000$ , Percepção do Contexto Motivacional orientado para o Ego  $p=0,000$  e Percepção do Contexto Motivacional orientado para Maestria  $p=0,000$ . Assim sendo análises não paramétricas foram adotadas.

### **4.1 Estatística Descritiva da Amostra**

A Tabela 1 contém informações sobre a orientação motivacional, as percepções do contexto motivacional, e as percepções de competência física, estratificado por idade e gênero.

**Tabela 1. Mediana e Percentis para o total da amostra e estratificado por gênero e Idade.**

			OMM	OME	PCMOM	PCMOE	PCF
	N	Gênero	md (p75 - p25)	md (p75-p25)	md (p75-p25)	md (p75-p25)	md (p75-p25)
Total	245		4.50(4.66-4.16)	2.83 (3.33-2.33)	4.05(4.35-3.76)	3.50(3.81-3.06)	2.83(3.16-2.58)
Gênero	168	M	1.00(1.00-1.00)	1.00(1.00-1.00)	1.00(1.00-1.00)	1.00(1.00-1.00)	1.00(1.00-1.00)
	77	F	2.00(2.00-2.00)	2.00(2.00-2.00)	2.00(2.00-2.00)	2.00(2.00-2.00)	2.00(2.00-2.00)
Idade							
9 anos	36	M	4.41(4.66-4.04)	2.58 (3.33-1.70)	4.11(4.35-3.76)	3.28(3.50-3.00)	2.83(3.29-2.66)
	7	F	4.00(4.66-3.83)	2.83(3.00-2.50)	4.23(4.35-4.05)	3.81(4.06-3.56)	2.83(3.16-2.16)
10 anos	41	M	4.50(4.75-4.16)	2.83(3.41-2.33)	4.11(4.29-3.82)	3.56(3.93-3.18)	3.00(3.16-2.50)
	13	F	4.33(4.58-3.83)	3.00(3.33-2.41)	3.94(4.44-3.64)	3.50(4.15-3.09)	2.83(3.25-2.33)
11 anos	55	M	4.50(4.83-4.16)	2.66(3.33-2.00)	3.94(4.11-3.70)	2.83(3.33-2.66)	2.83(3.33-2.66)
	26	F	4.50(4.66-4.00)	2.91(3.54-2.45)	4.11(4.41-3.82)	3.65(4.00-3.21)	2.91(3.54-2.45)
12 anos	36	M	4.50(4.83-4.04)	2.66(3.16-2.50)	4.08(4.35-3.83)	3.43(3.85-3.12)	2.83(3.33-2.66)
	31	F	4.66(4.83-4.00)	3.00(3.33-3.00)	4.23(4.47-3.76)	3.43(3.81-2.56)	2.83(3.33-2.66)

Os resultados encontrados evidenciam que, com relação a Orientação de Meta para Maestria, observou-se nos participantes altos escores de pontuação (md = 4,50). Na Orientação de Metas para o Ego, o total dos participantes apresentou escores moderados baixos de pontuação (md = 2,83). Quanto a Percepção do Contexto Motivacional Orientado para Maestria, o total da amostra obteve moderados escores de pontuação (md = 4.05). E, na Percepção do Contexto Motivacional Orientado para o Ego, a amostra total obteve moderados escores de pontuação (md = 3,50). Com relação as Percepções de Competência Física, também os participantes do total da amostra obtiveram escores moderados de pontuação (md= 2,83). Essas pontuações, e suas respectivas classificações qualitativas são fundamentadas em vários estudos prévios (TREASURE, ROBERTS & HALL, 1992; OMMUNDSEN, ROBERTS & TREASURE, 2003; DUNN, 2000).

A seguir a discussão dos dados obtidos nos construtos motivacionais investigados (Tabela 1) serão apresentados.



#### 4.1.1 Orientação de Metas

Com relação a Orientação de Metas observa-se que escores elevados foram encontrados para atletas que orientam sua meta para a Maestria ( $md= 4,50$ ). Esse dado suporta a primeira hipótese do estudo a qual sugere que crianças atletas manifestariam predominantemente níveis elevados de Orientação de Meta para a Maestria. Vários estudos previamente realizados obtiveram dados semelhantes ao deste estudo (FOX et al., 1994; PETHERICK & WEIGAND, 2002; TREASURE & ROBERTS, 1998; TREASURE, ROBERTS & HALL, 1992). Esses dados sugerem que grupos de jovens praticantes de esporte tanto do gênero masculino quanto feminino, tende a evidenciar escores altos de Orientação de Meta para a Maestria. Segundo Fox et al., (1994) a adoção de níveis elevados de Orientação de Meta para Maestria, pode guiar a criança a obter maior satisfação e prazer pela prática esportiva. Além do mais, atletas que adotam uma Orientação de Meta para Maestria tendem a utilizar-se de estratégias de conquista adaptativas como, por exemplo: a persistência, a prática e o engajamento em diferentes atividades (LOCHBAUM & ROBERTS, 1993). Ao persistirem na tarefa, é possível que crianças e adolescentes passem a adquirir confiança em suas habilidades. No presente estudo a maioria dos atletas evidenciou uma orientação de meta para a maestria sugerindo que talvez essas crianças atletas evidenciem maior persistência no processo de aprendizagem e maior persistência para manter em foco os objetivos a que se propõem quando na pressão da competição (HARDY apud PENSGARD & ROBERTS, 1999).

Com relação aos praticantes de esporte que evidenciam uma orientação de Meta para o Ego, observa-se moderado baixo escore de pontuação ( $md=2,83$ ). Esse dado encontra suporte nos estudos de Sandage, Duda e Ntoumanis (2003) e Newton e Duda (1999), onde foram encontrados valores médios de 2,88 e 2,62 respectivamente com indivíduos adolescentes de ambos os gêneros. Segundo Sandage, Duda e Ntoumanis (2003), os praticantes de esporte que adotam uma Orientação de Meta para o Ego, em níveis moderados, podem ter dificuldades em persistir na prática esportiva. Porém isso depende de vários fatores, entre eles a Percepção do Contexto Motivacional e a Percepção de Competência Física. De acordo com os dados encontrados nesse estudo e nos estudos de Treasure, Roberts e Hall (1992) e Fox et al., (1994), pode-se esperar que indivíduos que possuem uma preponderante Orientação de Meta para o Ego, são indivíduos que talvez possuem a crença, que a habilidade é o fator

determinante para o sucesso esportivo. Esses indivíduos tendem a vivenciar maior tensão e pressão nas tarefas; adotam em geral uma determinação de mostrarem-se mais habilidosos que seus pares, assim como buscam conquistar desafios que tenham reconhecimento social, se possível, com menor esforço (NICHOLLS, 1984,1992).

No presente estudo aproximadamente 33% das crianças evidenciaram a adoção de uma alta Orientação de Meta para o Ego. Esses resultados sugerem que essas crianças consideram obter sucesso esportivo, quando superam as habilidades de seus pares, comparam desempenhos e mostram-se superior a outras crianças. É possível que esses praticantes de esporte vivenciem freqüentemente maiores níveis de pressão e tensão psicológicas na competição (FOX, et al., 1994). Algumas repercussões com base na teoria da motivação para conquista podem ser sugeridas quanto aos resultados. Segundo (NICHOLLS, 1984, 1992) indivíduos, que adotam uma Orientação de Meta para o Ego, estariam mais propícios a utilizarem estratégias de conquistas mal adaptativas, como por exemplo: procurar por tarefas fáceis, procurar ganhar sem exercer muito esforço, se comparar com seus pares e trapacear frente a dificuldades. Estas premissas teóricas, quando transferidas para aqueles atletas que adotaram uma alta Orientação de Meta para o Ego, podem repercutir em comportamento não adequado na aprendizagem (AMES, 1992). Entretanto é importante considerar que pesquisas sugerem que aqueles atletas que obtém uma alta orientação motivacional para o Ego, e se percebem com alta habilidade, podem demonstrar persistência e altos níveis de motivação (DUDA, 1992).

No presente estudo, meninos e meninas demonstraram a adoção preponderante de uma orientação voltada para Maestria. Esta orientação voltada para a Maestria tem importantes repercussões para a prática. Esportes coletivos têm a peculiaridade de que se todos ou a maioria dos atletas não estiverem bem, isso nos vários aspectos que norteiam o desempenho esportivo, é pouco provável que essa equipe alcance resultados de excelência. Logo, se essa equipe tiver consciência de que todos os atletas são importantes para o desempenho da equipe, os atletas poderão ajudar uns aos outros a desenvolver suas habilidades e a aumentar a força da equipe.

Por exemplo, numa equipe onde se tenha pouca ajuda mútua entre colegas de equipe, comum quando atletas adotam uma Orientação para o Ego, os atletas muitas vezes querem vencer sem reconhecer que a vitória é o resultado do trabalho do grupo, e não de dois ou três

atletas somente. Provavelmente esses atletas não trabalharam para o sucesso da equipe em primeiro plano e sim para seu próprio sucesso.

Praticantes de esporte que, por outro lado, (acreditam) que o sucesso da equipe depende de todos os atletas da equipe, trabalham em conjunto para o desenvolvimento da equipe. Esses atletas que reconhecem a importância dos colegas da equipe, ajudam seus colegas a serem melhores do que são, porque sabem que seu sucesso depende do sucesso de seus colegas de equipe. Esses atletas geralmente adotam uma Orientação de Meta para Maestria.

Quando jovens praticantes de esporte não percebem que o sucesso da equipe depende da cooperação de todos os atletas, torna-se, ainda, mais importante que o técnico trabalhe para estruturar um contexto de treinamento, voltado ao crescimento do grupo, de forma que os atletas passem a perceber a importância dos colegas de equipe para o sucesso da mesma.

#### **4.1.2 Percepção do Contexto Motivacional**

Com relação à Percepção do Contexto Motivacional, observa-se que escores moderados foram encontrados para os praticantes de esporte com Percepção do Contexto Motivacional Orientado para Maestria ( $m = 4,05$ ). Este dado suporta a quarta hipótese desse estudo a qual sugere que crianças praticantes de esporte perceberiam o contexto motivacional orientado para maestria. Entre os estudos que dão suporte aos dados encontrados nesse estudo, estão as pesquisas desenvolvidas por Petherick e Weigand (2002) com adolescentes praticantes de natação e a de Sandage, Duda e Ntoumanis (2003) realizada com adolescentes frequentadores de aulas de Educação Física escolar.

Segundo Sandage, Duda e Ntoumanis (2003), um aspecto importante que deve ser observado na Percepção do Contexto Motivacional é o grau com que os índices são alcançados. Nesse estudo a Percepção do Contexto Motivacional Orientado para Maestria foi moderada ( $m = 4,05$ ) indicando que essas percepções podem conduzir as crianças praticantes de esporte a desenvolver efetivamente níveis mais elevados de motivação intrínseca, satisfação, cooperação, a crença na eficácia do esforço (AMES, 1992; NICHOLLS, 1984,

1992; PETHERICK & WEIGAND, 2002). Ainda mais, os dados encontrados nessa pesquisa alinham-se aos pressupostos da teoria da Motivação para Conquista que sugere que um Clima motivacional Orientado para Maestria pode estar associado a processos motivacionais adaptativos para a aprendizagem, como por exemplo, a preferência por tarefas desafiadoras (AMES & ARCHER, 1988) as quais contribuem para a obtenção de níveis mais elevados de proficiência motora (VALENTINI, RUDISILL, 2004a, 2004b).

Esses dados reforçam o que tem sido sugerido por estudiosos da motivação esportiva como Duda (1987), Roberts (1992) quanto às vantagens da criação de um ambiente de aprendizagem com metas para Maestria. Ou seja, esse contexto pode ser mais efetivo em manter os indivíduos engajados na aprendizagem das tarefas propostas e persistirem mais frente aos novos desafios.

Entretanto, é importante considerar que, embora em níveis mais baixos, escores moderados foram encontrados também para a percepção do contexto motivacional orientado para o Ego ( $md=3,50$ ). Esses dados também encontram suporte nos estudos de Ommunsen, Roberts e Kavussanu (1998) e Newton e Duda (1999). Segundo Newton e Duda (1999) percepções do Clima Motivacional Orientado para o Ego, em níveis moderado, têm sido encontrado em crianças e jovens praticantes de esporte. É importante destacar que perceber o clima do treinamento orientado para o Ego pode conduzir a um alto índice de tensão e pressão na competição. Essa pressão é em geral dos técnicos que exigem dos atletas que façam melhor do que os outros atletas da equipe. Nesse clima motivacional, os melhores atletas recebem mais atenção e reconhecimento social (SEIFRIZ, DUDA & CHI, 1992).

Entre as possíveis conseqüências negativas de perceber o clima organizado pelo técnico, como orientado para o Ego, está a diminuição da motivação intrínseca (SEIFRIZ, DUDA & CHI, 1992) e a freqüente comparação da habilidade com pares da equipe (NICHOLLS, 1984), e a diminuição do esforço na tarefa (AMES, 1992). Evidenciando então, que a forma com que técnicos e professores administram sua equipe influenciará positiva ou negativamente a motivação para a conquista dos atletas.

Assim, um Contexto Motivacional com Orientação de Meta para a Maestria pode propiciar ao técnico uma melhor estrutura de trabalho que desperte, nos atletas, esse sentimento de grupo. Estruturando um contexto motivacional de orientação para Maestria, o

técnico poderá fazer com que os atletas mais habilidosos da equipe ajudem seus colegas menos habilidosos a desenvolverem suas habilidades físicas, sociais e psicológicas, imprescindíveis para o desempenho esportivo.

Além de propiciar que atletas mais habilidosos ajudem no desenvolvimento das habilidades de atletas menos habilidosos, um contexto motivacional orientado para Maestria, poderá fazer com que estes atletas menos habilidosos, sintam-se importantes na equipe. Esses atletas, que geralmente pouco participam dos jogos por serem reservas dos titulares, podem, assim, sentir-se mais importantes e valorizados para equipe.

Atletas que são pouco reconhecidos pelos treinadores tendem a se sentir menos valorizados do que atletas que são reconhecidos. Não só o técnico é importante para a valorização do atleta, mas sua família, amigos, colegas de equipe e outros pares significantes, também são (DUDA, 1996). Talvez para alguns atletas o reconhecimento da família ou outros pares significativos é tão importante quanto o reconhecimento do técnico. Muitos atletas talvez não alcançam maiores destaques por falta de apoio da família ou outros pares significantes.

Essa valorização de todos os atletas de uma equipe é tão importante para um otimizado desempenho, que muitos atletas levam, às vezes para os torneios, seus familiares. Quando cada um dos atletas perceber que é fundamental para sua equipe, espera-se mais empenho nos treinamentos, cooperação com outros colegas de equipe e maior prazer por fazer parte da equipe.

Como a tendência é de que cada vez mais crianças e jovens sejam envolvidas com a prática esportiva, mais estudos devem ser realizados para conhecermos suas motivações, interesses e preocupações no contexto esportivo. Técnicos e professores que possam estar atualizados com essas informações de pesquisas, poderão aplicar esses conhecimentos reconhecendo a importância desses construtos motivacionais com crianças e jovens atletas.

Observa-se que a formação de um atleta de alto nível é bastante árdua, leva aproximadamente em torno de 8 a 14 anos de trabalho (WEINECK, 1989). Nesse tempo, os profissionais que trabalham com atletas, com este objetivo de chegar ao alto nível, terão que manter um nível motivacional adequado, para um desenvolvimento esportivo de excelência.

E mesmo para aqueles que não atinjam esse nível de atuação, a motivação é importante, para que o atleta possa, num futuro, manter-se ativamente praticando esportes como meio de prevenção de saúde e lazer.

Não menos importante do que o treinamento de atletas em clubes é o trabalho desenvolvido em outros ambientes de prática esportiva, como escolas, empresas, etc. Nestes ambientes, o treinador/professor tem a mesma importância na estruturação de um contexto esportivo, que dê conta das necessidades dos atletas, sendo a motivação uma ótima ferramenta para isso. São nesses ambientes de prática esportiva, que muitas vezes o profissional enfrentará maiores desafios como, por exemplo, manter seus alunos ou atletas na prática esportiva. Assim, mais que qualquer outro contexto, um ambiente de prática esportiva orientada para Maestria será mais apropriado para as necessidades desses participantes. Pois, sabe-se que os papéis desempenhados numa grande equipe, não diferem muito dos que terão que ser desempenhados numa equipe de pequena ou média expressão. A busca de sucesso dependerá de um trabalho coletivo, onde todos possam desenvolver suas potencialidades esportivas.

E essas potencialidades, talvez só se desenvolvam, com trabalho em equipe, onde desde o reserva do reserva, até o titular deva ser respeitado e reconhecido pelos colegas e técnico da equipe. O reconhecimento passa a ser muito importante para os atletas que vêm na equipe, o grupo importante de suas relações locais. Então, o importante para os atletas que adotam uma orientação de meta para maestria parece ser ajudar que todos reconheçam os valores da equipe, os quais são importantes para o sucesso da mesma, independente de seu nível atual de competência esportiva.

### 4.1.3 Percepção de Competência Física

A Percepção de Competência Física é um construto central para o desenvolvimento esportivo de praticantes de esporte. Segundo Roberts (1992), as percepções de Competência Física são abordadas como uma das mais importantes variáveis da participação de crianças e jovens no meio esportivo.

Nesse estudo, a Percepção de Competência Física foi identificada com um valor médio de 2,83 para o total da amostra. Esse dado não suporta a sétima hipótese desse estudo a qual pressupunha que níveis elevados de Percepção de Competência Física fossem encontrados. Esse valor reflete um moderado nível de Percepção de Competência Física dos praticantes de esporte da amostra e embora em níveis moderados é importante destacar que “crianças atletas que se percebem competentes no domínio físico são as prováveis crianças de continuarem engajadas no esporte” (HARTER, 1978).

A Percepção de Competência Física no esporte foi também investigada por Villamarín, Mauri e Sanz (1998) com tenistas iniciantes. Os autores puderam verificar que os atletas que se percebiam com uma elevada Competência Física estavam mais motivados para a competição e a realização de seus objetivos. Assim, desenvolver positivas percepções de Competência Física em praticantes de esporte, torna-se fundamental para a realização dos objetivos esportivos, ainda mais com crianças e jovens atletas em início de carreira.

Poucos estudos foram realizados até o momento com crianças praticantes de esporte em relação à Percepção de Competência Física, limitando uma discussão mais consistente em termos de dados de pesquisa. Todavia, esses valores observados refletem moderados níveis de Percepção de Competência Física dos atletas da amostra. Com base nesse valor podemos indicar que quanto a esse construto, os praticantes de esporte estão com índices satisfatórios de percepção de Competência Física os quais podem influenciar positivamente a sua participação esportiva.

## 4.2 Comparações entre gêneros

Como a amostra desse estudo não satisfaz as pressuposições de uma distribuição normal e homocedasticidade, a alternativa escolhida para comparação de gênero foi o teste de Kruskal-Wallis (H), que é um teste não paramétrico e que serve para comparar duas ou mais populações, quanto à tendência central dos dados.

### 4.2.1 Orientação de Metas

Não houve diferença significativa entre os gêneros na orientação de Meta para o Ego ( $H= 2,87$ ;  $p = 0,09$ ) e na orientação de meta para Maestria ( $H= 0,014$ ;  $p = 0,906$ ); Refutando a segunda hipótese desta pesquisa, de que índices mais elevados de orientação de Meta para a Maestria seriam observados para as crianças do gênero feminino. Ainda mais, esses resultados contradizem algumas pesquisas prévias. Por exemplo, no estudo de Buchan e Roberts apud Roberts e Treasure (1992) atletas do gênero masculino demonstraram níveis mais elevados de orientação de meta para o Ego. Os autores sugeriram que meninos adotam uma maior orientação de meta para o Ego do que as meninas em decorrência de que essas aderem ao esporte por razões de afiliação, já os meninos tendem a focar mais em demonstrar habilidades e vencer.

É importante considerar que alguns estudos que observam diferença entre praticantes de esporte do gênero feminino e masculino foram realizados com atletas de alto nível. Um exemplo é o estudo de White e Duda (1994), o que sugere, que o nível de experiência e de competitividade influenciam nos processos de socialização e na adoção das metas de orientação, conduzindo os atletas do gênero masculino a expressarem uma orientação mais forte para o Ego e a procurar mais pela vitória e a demonstração de habilidade, principalmente atletas de nível mais avançado de competição. Tendência semelhante observado em outro estudo de Duda et al., (1995). Segundo White e Duda (1994), os atletas do gênero masculino tendem a ser mais extrinsecamente motivados do que os atletas do gênero feminino. Logo, existe uma tendência de os atletas do gênero masculino adotarem uma maior orientação de



meta para o Ego do que as atletas. Essa idéia é corroborada por Fox et al., (1994).

No presente estudo essas diferenças não foram encontradas, vários fatores podem ter contribuído para estes resultados, entre eles a idade da participante e o tempo de prática. Conforme sugere Duda (1987) não se tem ainda bem claro, o porquê das diferenças de adoção de orientação de metas entre os gêneros, mas há indícios que seja pela diferença de maturidade cognitiva, dos anos de envolvimento no esporte, da pressão competitiva e/ou os vários níveis de competição. Outra questão importante é o clima motivacional. Petherick e Weigand (2002) sugerem que o clima motivacional estabelecido pelo técnico é um dos mediadores que influenciam a adoção de metas de orientação por meninos e meninas o qual no presente estudo pode ter influenciado meninos e meninas a adotarem metas semelhantes, mais orientadas para maestria.

#### **4.2.2 Percepção do Contexto Motivacional**

Com relação a percepção do Contexto Motivacional, não se observam diferenças estatisticamente significativas entre os gêneros na percepção do contexto motivacional orientado para o Ego ( $H=1,471$ ;  $p=0,225$ ) e na percepção do contexto motivacional orientado para a Maestria ( $H=3,35$ ;  $p=0,067$ ), confirmando a quinta hipótese deste estudo a qual sugeria que meninos e meninas evidenciaríamos percepções semelhantes. Essa tendência tem sido reportado na literatura em estudos que sugerem que embora atletas do gênero feminino tendem a evidenciar respostas mais elevadas na Percepção de Contexto Motivacional Orientado para a Maestria, quando comparadas ao gênero masculino, essas diferenças não apresentaram-se significativamente superiores nos respectivos estudos (WHITE & DUDA, 1994; PETHERICK & WEIGAND, 2002). Semelhantemente no presente estudo, atletas do gênero feminino e masculino tendem a perceber o contexto de prática de forma semelhante.

Os poucos estudos existentes (WALLING, DUDA & CHI, 1993) foram realizados com indivíduos mais velhos do que no presente estudo, ainda assim observa-se que com participantes da faixa etária dos 9 aos 12 anos a mesma tendência ocorre.

### 4.2.3 Percepção de Competência Física

Na Percepção de Competência Física também não houve diferença estatisticamente significativa entre os gêneros ( $H=1,140$ ;  $p = 0,286$ ). Este dado refuta a oitava hipótese desse estudo de que previa diferença entre os gêneros na Percepção de Competência Física seria evidenciada. A hipótese do presente estudo fundamenta-se em estudos prévios, como por exemplo Rudisill e Mahar (1993) os quais observaram diferenças significativas na Percepção de Competência Física entre os gêneros em crianças que participavam de um programa motor, no qual meninos demonstravam percepções mais elevadas. Embora muitos estudos observem a diferença entre gênero com relação a Percepção de Competência (PENSGAARD & ROBERTS, 2000; VALENTINI, 2002a, 2002b), alguns estudos já encontraram dados semelhantes. Entre eles, Pensgaard e Roberts (2000) não encontraram diferenças significativas na Percepção de Competência Física entre os gêneros num estudo realizado com atletas de alto nível. Outra investigação realizada por Dunn (2000) não evidenciou diferenças significativas entre os gêneros na Percepção de Competência Física. A autora sugere que o fato das crianças participantes estarem envolvidas num clima motivacional orientado para maestria, o qual não reforça a diferença entre gêneros em termos de competência, propiciou a percepção positiva da Competência Física para ambos os gêneros.

Processos de socialização, pais, técnicos e colegas podem influenciar no estabelecimento da Percepção de Competência Física de jovens atletas, principalmente crianças (ROBERTS, 1992), se a cultura que cerca a criança favorece a ambos os gêneros de forma semelhante, meninos e meninas desenvolveram percepções semelhantes quanto a sua competência.

### 4.3 Comparação entre Idades

Para a comparação entre as idades, os participantes foram agrupados em dois grupos de idade, sendo um grupo de 9 e 10 anos e outro grupo de 11 e 12 anos. Novamente o teste de kruskal-Wallis (H) foi utilizado, uma vez que a distribuição da amostra não foi normal.

#### 4.3.1 Orientação de Metas

Com relação à orientação de Metas não foi encontrada diferença significativa entre as idades dos 9 e 10 anos e 11 e 12 anos na orientação de meta para o Ego ( $H=4,397$ ;  $p= 0,222$ ) e na orientação de meta para Maestria ( $H= 3,231$ ;  $p = 0,357$ ). Confirmando a terceira hipótese deste estudo a qual previa uma adoção de Metas semelhantes entre os dois grupos de idade.

Estudos têm reportado resultados contraditórios quanto a diferenças de idade nesses construtos motivacionais. Buchan e Roberts apud Roberts e Treasure (1992) verificaram em seu estudo, diferenças nos grupos de atletas dos 9-10 anos e 13-14 anos na orientação de metas. Os autores encontraram uma tendência de pontuação mais alta para atletas dos 13-14 anos na Orientação de Meta para o Ego, em relação aos atletas dos 9-10 anos. Porém, essa diferença encontrada não foi estatisticamente significativa na orientação para o Ego ( $H = 4,39$ ;  $p = 0,222$ ) e nem na orientação de meta para Maestria ( $H = 3,23$ ;  $p = 0,357$ ). Esses resultados assemelham-se aos do presente estudo, que obteve diferenças apenas nominais, ou seja, não estatisticamente significativas, entre as idades, embora se reconheça que no presente estudo as idades dos participantes é inferior à idade dos participantes do estudo de Buchan e Roberts.

Segundo Nicholls (1984, 1992) a percepção de habilidade tende a influenciar na adoção de uma orientação Meta. E assim, há uma crítica diferença no entendimento do conceito de habilidade e esforço entre crianças de uma faixa etária, dos 4-10 e entre 11-12 anos. Para Nicholls (1984) somente por volta dos 11-12 anos de idade é que as crianças estariam com esta diferenciação estabelecida. Tendo estabelecido a diferenciação desses conceitos, atletas com maior tempo de prática tenderiam a adotar uma pontuação mais alta de

Orientação de Meta para o Ego, do que os atletas com menor tempo de prática. Ou seja, embora o critério de idade esteja presente, o mesmo é entendido como produto da interação entre a experiência na prática e o tornar-se mais capaz de entender as demandas do treino.

Em virtude dos participantes dessa pesquisa serem iniciantes e/ou tenham vivenciado poucas experiências competitivas, pode ser apontado como uma possível causa de não terem sido observadas diferenças estatisticamente significativas entre as idades nos atletas desse estudo. Também pode ter contribuído para não se ter encontrado diferenças, o fato de que todos as crianças participantes pertencerem a clubes esportivos e não terem ainda realizado mudança de clube, de técnico, convivido com outros colegas, etc. Todas essas experiências esportivas são capazes de influenciar na adoção desses construtos motivacionais.

#### **4.3.2 Percepção do Contexto Motivacional**

Mais uma vez não foi encontrado diferenças entre as idades (9 e 10 anos e 11 e 12 anos) na percepção do contexto motivacional orientado para o Ego ( $H = 3,422$ ;  $p = 0,331$ ) e nem na percepção do contexto motivacional orientado para a Maestria ( $H = 6,61$ ;  $p = 0,085$ ). Esses dados propiciam suporte a sexta hipótese deste estudo a qual previa percepções semelhantes, nos dois grupos de idade, com relação ao contexto motivacional.

Alguns estudos suportam os dados observados nesse estudo (PETHERICK & WEIGAND, 2002; WHITE & DUDA, 1994). Ou seja, atletas entre 9 e 12 anos percebem de forma semelhante o clima motivacional empregado pelo técnico. Entretanto não se sabe ainda por concreto o que realmente é mais determinante na Percepção do Contexto Motivacional. A maioria dos estudos realizados até o momento não aborda o porquê das diferenças nas faixas etárias e são, realizados com atletas com pequena diferença de idade. Esses fatores dificultaram uma maior discussão e análise das possíveis diferenças desenvolvimentais na Percepção do Contexto Motivacional. Entre as sugestões encontradas na literatura, observam-se indicativos de necessidade de realização de estudos longitudinais e intervenções com clima motivacional orientado para Maestria, para poder-se conhecer mais concreto quais fatores são mais influentes na Percepção do Contexto Motivacional, assim como conhecer o Clima Motivacional real criado por professores e técnicos.

### 4.3.3 Percepção de Competência Física

Não foi observada também, diferença entre as idades (9 aos 12 anos) na Percepção de Competência Física ( $H = 0,447$ ;  $p = 0,924$ ). Confirmando desta forma a nona hipótese deste estudo a qual previa semelhança nas percepções de competência física.

Com relação aos dados da Percepção de Competência Física, os estudos de Ulrich (1987) e Rudisill e Mahar (1993) suportam os resultados do presente estudo. Embora esses dois estudos tenham sido realizados com escolares, a tendência é semelhante. Ou seja, jovens praticantes de esporte e jovens escolares, nas idades entre 9 e 12 anos, percebem-se de maneira similar quanto a sua competência.

No presente estudo, observa-se a estabilização da Percepção de Competência Física, já observada por Ulrich (1987) em estudos prévios. Ou seja, de que dos 8 aos 12 anos de idade ocorre uma estabilização da Percepção de Competência Física em níveis moderados. Feltz e Brown (1984) também reportam semelhança entre as idades e a Percepção de Competência Física em crianças que praticam diferentes esportes. A observação de uma estabilidade quanto à Percepção de Competência Física, platô, são portanto congruentes com a literatura atual.

## 4.4 Associações entre os construtos Motivacionais

### 4.4.1 Orientação de Metas, Percepção do Contexto Motivacional e Percepção de Competência Física.

A seguir será discutido o grau de associação entre os três construtos motivacionais, através de duas diferentes técnicas de processamentos de dados. Ou seja, primeiro serão discutidos os três construtos e seus resultados médios, obtidos do total da amostra. Segundo o grau de associação entre os construtos será discutido em três níveis de Percepção de Competência Física: baixa, moderada e alta. Esse procedimento metodológico já foi realizado em estudos prévios (OVERWAY et al., 2004; ULRICH, 1987) e parece fornecer informações mais detalhadas sobre essas variáveis.

Para verificar o grau de associação entre os construtos motivacionais, o coeficiente de correlação de Spearman foi utilizado. Esse teste é indicado quando a amostra não satisfaz o pressuposto de uma distribuição normal e o critério de homocedasticidade. As correlações, envolvendo os construtos motivacionais (O.M.E., O.M.M., P.C.F., P.C.M.E. e P.C.M.M.), em geral, foram fracas a moderadas. A tabela 2 apresenta os resultados das correlações nos três construtos motivacionais. Somente as correlações pertinentes aos objetivos e hipóteses do estudo serão apresentadas e discutidas.

**Tabela 2. Correlações nos construtos motivacionais com o total da amostra (n=245).**

Construtos	1	2	3	4	5
1 Ego					
2 Maestria					
3 PCF	-0,088	0,177**			
Significância	0,167	0,006			
4 PCMOE	0,299**	0,003	-0,017		
Significância	0,000	0,958	0,793		
5 PCMOM	0,043	0,352**	0,203**	0,201**	
Significância	0,507	0,000	0,001	0,002	

\*Correlação é significativa a 0,05.

\*\*Correlação é significativa a 0,01.

#### 4.4.1.1 Orientação de Metas e Percepção do Contexto Motivacional

Uma correlação positiva, moderada e significativa foi observada entre a Orientação de Meta para a Maestria e a Percepção do Contexto Motivacional orientado para Maestria ( $H=0,35$   $p=0,000$ ). Esse resultado dá suporte à décima hipótese do presente estudo. Resultado semelhante é observado na literatura. Ommundsen, Roberts e Kavussanu (1998) encontraram, em uma amostra de 148 atletas, correlação significativa entre a Orientação de Meta para Maestria e a Percepção do Contexto Motivacional orientado para Maestria ( $r=0,37$ ), semelhante a do presente estudo (0,35).

Embora, com correlações mais forte, Dunn (2000) encontrou, em seu estudo com 65 crianças, uma correlação forte e significativa ( $r=0,55$ ;  $p < 0.001$ ) entre a Orientação de Meta para Maestria e a Percepção do Contexto Motivacional orientado para Maestria, semelhante também, em parte, com o presente estudo.

Os resultados também sugerem que quando o contexto é organizado para Maestria os praticantes de esporte envolvidos nas tarefas propostas nos mesmos, tendem a adotarem uma orientação de meta para Maestria. Vários fatores podem influenciar uma relação positiva e significativa entre esses dois construtos motivacionais. Ames (1992b) sugere que os desafios de acordo com os níveis de habilidades dos atletas; o “feedback” construtivo; o esforço; a cooperação; o adequado ambiente de aprendizagem contribuem positivamente para a adoção de uma orientação de Meta para Maestria.

Uma correlação positiva, moderada e significativa foi encontrada entre a orientação de Meta para o Ego e a Percepção do Contexto Motivacional orientado para o Ego ( $H= 0,299$ ;  $p=0,000$ ) suportando a décima primeira hipótese do presente estudo. A correlação do presente estudo, entre essas variáveis foi mais forte do que a observada no estudo de Roberts e Kavussanu (1998) a qual foi de  $r=0,16$ , embora com tendências semelhantes quanto a positividade e significância. Atletas que percebem o Contexto Motivacional Orientado para o Ego tendem a adotar uma Orientação de Meta para o Ego (AMES & ARCHER apud SEIFRIZ, DUDA & CHI, 1992).

Esses resultados reforçam a importância que o Contexto Motivacional tem em influenciar e guiar atletas a adotarem uma determinada Orientação de Meta (NTOUMANIS & BIDDLE, 1999). De acordo com Dunn (2000) pode-se considerar que essas relações dos construtos motivacionais não são meras causalidades, ou seja, que os construtos motivacionais podem ser modificados pelos técnicos, implementando climas motivacionais adequados ao desenvolvimento do gosto da prática esportiva em si mesma.

Segundo Seifriz, Duda e Chi (1992), a relação entre a Orientação de Meta e a Percepção do Contexto Motivacional é dinâmica e complexa. Toda a dinâmica de um Contexto Motivacional Esportivo pode levar os atletas a adotarem determinada Orientação de Meta. De acordo com os resultados encontrados nesse estudo, e o que Dunn (2000) encontrou em sua pesquisa, pode-se pensar que estes dois construtos motivacionais possuem uma íntima relação de causa e efeito. O que implica, diretamente, os comportamentos motivacionais dos atletas.

Verifica-se que na maioria dos estudos citados acima, os resultados encontrados foram semelhantes aos desse estudo, evidenciando para a amostra pesquisada, tendência motivacional semelhante, embora com atletas provenientes de diferentes culturas. Para os atletas dessa pesquisa, os escores moderados da orientação motivacional para o Ego, talvez não se constituam num problema, pois a maioria dos atletas apresentou escores de moderados a altos nos outros fatores motivacionais, ou seja, na Percepção do Contexto Motivacional Orientado para a Maestria e na Percepção de Competência Física; Podendo-se deduzir que um contexto de aprendizagem apropriado em termos motivacionais, quando as demandas competitivas de engajamento positivo na aprendizagem esportiva podem ser esperadas.

#### **4.4.1.2 Orientação de Metas e Percepção de Competência Física**

Os resultados do presente estudo indicam uma correlação positiva e significativa, porém fraca entre a orientação de Metas para Maestria e a Percepção de Competência Física ( $H= 0,177$ ;  $p=0,006$ ) confirmando a décima segunda hipótese deste estudo a qual sugeria que crianças praticantes de esporte que se percebem competentes são as que adotam uma orientação para Maestria. Uma correlação negativa entre a Orientação de Meta para o Ego e a Percepção de Competência Física ( $H= -0,88$ ;  $p=0,167$ ) também foi encontrada confirmando a



décima terceira hipótese deste estudo a qual sugeria que não perceber-se competente fisicamente é uma tendência de indivíduo que adotam uma orientação para o Ego.

Em geral, os resultados encontrados neste estudo são semelhantes aos que têm sido reportados na literatura (DUNN, 2000; STANDAGE, DUDA & NTOUMANIS, 2003). As crianças atletas que adotaram uma Orientação de Metas para o Ego são as que evidenciaram Percepções de Competência Física baixas. Resultados semelhantes foram encontrados por Dunn (2000), e evidenciam que provavelmente padrões de comportamento não adaptativos podem ocorrer se a prática esportiva dessas crianças ocorrer em Contextos Motivacionais Orientado para o Ego, principalmente para as que possuem baixa Percepção de Competência Física (DWECK, 1986). Esses fatores podem comprometer, segundo Roberts e Treasure (1992) a sua aprendizagem e manutenção na prática esportiva.

A adoção de metas para Maestria apresentou-se associada significativamente com a Percepção de Competência Física. Vários estudos prévios já evidenciaram essa correlação significativa e positiva entre a Orientação de Meta para a Maestria e a Percepção de Competência Física (DUNN, 2000; NEWTON & DUDA, 1999). Dunn (2000) sugere que essa pode ser uma relação de causa e efeito, ou seja, ao mostrar-se confiante em suas capacidades físicas a criança ou adolescente tende a orientar-se para conquistar a Maestria em nova habilidade.

Diferenças na Orientação de Metas repercutiram diferentemente nos resultados da amostra desse estudo, conforme verificado nos diferentes escores encontrados para os três construtos motivacionais. Assim pode, presumir-se que os atletas, com níveis mais altos de Percepção de Competência Física por adotarem uma orientação para Maestria, tendem a permanecer e persistir mais na prática esportiva, mesmo frente às frustrações, tendência não observada em atletas com baixos níveis de Percepção de Competência Física.

#### **4.4.1.3 Percepção de Competência Física e Percepção do Contexto Motivacional**

A relação entre a Percepção de Competência Física e a Percepção do Contexto Motivacional Orientado para Maestria, neste estudo, foi positiva e significativa ( $\rho=0,352$ ;  $p=0,0000$ ) o que confirmou a décima quarta hipótese desse estudo. Vários estudos encontraram resultados semelhantes (DUNN, 2000; NEWTON & DUDA, 1999; STANDAGE, DUDA & NTOUMANIS, 2003; WEISS, BREDEMEIER & SHEWCHUK, 1986), indicando que a força do Contexto Motivacional pode direcionar a criança a desenvolver percepções elevadas de competência física.

A relação encontrada, neste estudo, entre a Percepção de Competência Física e a Percepção do Contexto Motivacional Orientado para o Ego, foi negativa, fraca e não significativa. Essa relação, embora não significativa, evidencia que crianças que percebem o contexto motivacional orientado para o ego percebem-se pouco competentes confirmando a décima quinta hipótese deste estudo. Segundo Nicholls (1984) atletas com alta percepção de habilidade tendem manter-se tanto em um Contexto Motivacional Orientado para a Maestria quanto para o Ego. Por outro lado, se um atleta não se percebe fisicamente competente, e está inserido num Contexto Motivacional Orientado para o Ego, este evidenciará comportamentos não adaptativos de aprendizagem, como, por exemplo, evitar as tarefas, não cooperar com os colegas e ter baixa motivação para a aprendizagem (AMES & ARCHER, 1988; DWECK, 1986). Isso poderá levá-lo à dificuldades de aprendizagem das tarefas e desistência da mesma.

Portanto observa-se que de acordo com os dados obtidos nesse estudo e os estudos citados acima, uma significativa vantagem de se estruturar um contexto de aprendizagem com orientação motivacional para Maestria. Parece haver uma significativa relação, entre um contexto motivacional de aprendizagem com clima para Maestria, e o desenvolvimento de percepções de competências positivas, em crianças e jovens atletas.

## **4.5 As relações entre os diferentes níveis de percepção de Competência Física (PCF) com as variáveis motivacionais**

Para identificar se diferentes níveis de Percepção de Competência Física repercutiram em diferentes manifestações motivacionais, foi realizada uma divisão dos escores da Percepção de Competência Física em três níveis: baixa, moderada e alta Percepção de Competência Física. Valores  $\leq$  a 2,63 foram considerados os baixos escores de Percepção de Competência Física, valores entre 2,64 e 3,11 foram considerados escores moderados de Percepção de Competência Física e valores maiores, ou iguais a 3,12 foram considerados escores em altos de Percepção de Competência Física. Semelhante classificação tem sido reportada na literatura (TREASURE, ROBERTS & HALL, 1992; OMMUNDSEN, ROBERTS & TREASURE, 2003; DUNN, 2000).

Em geral, os valores médios encontrados para os três níveis de Percepção de Competência Física, na amostra deste estudo, ficaram assim distribuídos: 60 crianças com escores baixos de Percepção de Competência Física ( $\leq$  2,63); 90 crianças apresentando escores moderados de Percepção de Competência Física (entre 2,64 e 3,11); e 88 crianças apresentando níveis altos de Percepção de Competência Física ( $\geq$  3,12).

### **4.5.1 Níveis de Percepção de Competência Física, Orientação de Metas e a Percepção do Contexto Motivacional**

Em geral, os melhores escores de associação entre a Orientação de Meta para o Ego, Percepção do Contexto Motivacional Orientado para o Ego, Orientação de Meta para Maestria e Percepção do Contexto Motivacional Orientado para Maestria foram encontrados quando dividiu-se a amostra em três níveis de Percepção de Competência Física. Veja a seguir como se apresentaram as associações entre os construtos motivacionais com níveis baixos, moderados e altos de Percepção de Competência Física.

#### 4.5.1.1 Níveis baixos de Percepção de Competência Física

Como pode-se observar quando os níveis de Percepção de Competência Física são baixos (Tabela 3) a correlação entre a Orientação de meta para o Ego e a Percepção do Contexto Motivacional orientado para o Ego foi fraca, positiva e não significativa ( $\rho = 0,194$ ;  $p = 0,138$ ). Assim como a correlação entre a Orientação de meta para Maestria e a Percepção do Contexto Motivacional Orientado para Maestria foi também fraca, positiva e não significativa. ( $\rho = 0,239$ ;  $p = 0,066$ ).

**Tabela 3. Níveis Baixos ( $\leq 2,63$  pontos) de Percepção de Competência Física (N=60).**

Construtos	PCMOE	PCMOM
1 O.M.E	,194	
Significância	,138	
2 O.M.M.		,239
Significância		,066

Correlação de Spearman's entre O.M.E e PCMOE e O.M.M. e PCMOM entre atletas com baixos níveis de PCF.

Com relação aos dados encontrados, pode-se inferir que crianças com baixa Percepção de Competência Física podem estar mais susceptíveis a desistirem da prática esportiva, do que aquelas que apresentam de moderadas a altas Percepções de Competências Físicas; Essa tendência é semelhante ao que Fox et al., (1994) constatou no estudo realizado com 231 atletas, com média de idade de 11.12 anos. Em suma crianças atletas que se percebem com baixos níveis de Percepção de Competência Física devem ser guiados com auxílio de seus pares e pessoas adultas significativas, construir percepções de Competência Física mais elevadas, pois como visto em prévios estudos, baixos níveis de percepção de Competência Física deixam os atletas vulneráveis à pressão no contexto esportivo.

#### 4.5.1.2 Níveis moderados de Percepção de Competência Física

Quando os níveis de Percepção de Competência Física são moderados pode-se verificar uma regular, positiva e significativa correlação entre a Orientação de Meta para o Ego e a Percepção do Contexto Motivacional orientado para o Ego ( $\rho=0,425^{**}$ ;  $p = 0,001$ ) nos atletas da amostra, com níveis moderados de Percepção de Competência Física. Pode-se verificar, também, uma regular, positiva e significativa correlação entre a Orientação de Meta para Maestria e a Percepção do Contexto Motivacional Orientado para Maestria ( $\rho = 0,344^{**}$ ;  $p = 0,001$ ), nos atletas da amostra, com níveis moderados de Percepção de Competência Física. (Tabela 4).

**Tabela 4. Correlação com níveis moderados de Percepção de Competência Física. (2,64 ≤ 3,11 pontos). (N=97).**

Construtos	PCMOE	PCMOM
1 O.M.E.	0,425**	
Significância	0,000	
2 O.M.M.		0,344**
Significância		0,001

\*\*Correlação é significativa a 0,01.

Correlação de Spearman's entre O.M.E. e PCMOE e O.M.M. e PCMOM entre crianças com níveis moderados de Percepção de Competência Física.

Crianças e adolescentes que evidenciam níveis moderados de Percepção de Competência Física podem ainda serem influenciados a construir Percepção de Competência Física mais elevadas, pois podem ainda estar suscetíveis a mudanças, as quais segundo Nicholls (1984) são influenciadas pelo desenvolvimento.

O contexto motivacional é determinante para o desenvolvimento esportivo dos atletas que possuem moderada Percepção de Competência Física, ainda mais jovens atletas. Nicholls (1984, 1992) e Ames (1992) sugerem que a Percepção de Competência Física não será um problema para o indivíduo, se este adotar uma forte orientação motivacional para a

Maestria e/ou estiver num contexto de prática orientada para Maestria. Pois este contexto enfatiza a avaliação da competência com base na competência anterior do sujeito e não em comparação a outros.

Dos três níveis de escores entre as Percepções de Competência Física, a mais alta associação entre a Orientação de Meta para o Ego e Percepção do Contexto Motivacional orientado para o Ego foi na moderada Percepção de Competência Física. Com esse resultado pode-se inferir que o contexto de aprendizagem pode estar conduzindo crianças adotarem metas e a julgarem esses contextos de acordo com suas percepções. Esses dados reforçam ainda mais a importância de implementar um contexto para a maestria pode este ser mais produtivo e benéfico para prática esportiva se oferecer oportunidades para que crianças e adolescentes fortaleçam suas percepções de Competência Física. Fox et al., (1994), sugere que a aprendizagem deve priorizar a autonomia e a adoção de metas para a Maestria, as quais tendem a ser mais apropriadas quanto a manter os atletas na prática esportiva ao longo de suas vidas.

#### **4.5.1.3 Níveis altos de Percepção de Competência Física**

Quando os níveis de Percepção de Competência Física são altos, pode-se verificar uma fraca, positiva e significativa correlação entre a Orientação de Meta para o Ego e a Percepção do Contexto Motivacional Orientado para o Ego ( $\rho = 0,271^*$ ;  $p = 0,011$ ), nos atletas da amostra com níveis altos de Percepção de Competência Física.

Com relação a Orientação de Meta para a Maestria e a Percepção de Contexto Motivacional Orientado para a Maestria, pode-se verificar uma regular, positiva e significativa correlação ( $\rho = 0,406$ ;  $p = 0,000$ ), nos atletas com níveis altos de Percepção de Competência Física. (Tabela 5).

Crianças praticantes de esporte com níveis elevados de Percepção de Competência Física tendem a focar-se no esforço, persistem por um maior tempo numa tarefa e possuir uma maior motivação para a prática esportiva, ou seja, adota uma orientação para a maestria (ROBERTS E TREASURE, 1992).

**Tabela 5. Correlação com Níveis Altos de Percepção de Competência****Física. ( $\geq 3,12$  pontos) (N=88).**

Construtos	PCMOE	PCMOM
1 O.M.E	0,271*	
Significância	0,011	
2 O.M.M		0,406**
Significância		0,000

\*Correlação é significativa a 0.05.

\*\*Correlação é significativa a 0,01.

Correlação de Sperman's entre O.M.E e PCMOE e O.M.M. e PCMOM.

Os dados do presente estudo, nestes níveis de competência percebida confirmam a décima sexta hipótese deste estudo, ou seja, pode-se inferir que os melhores escores de associação, entre a Orientação de Meta para Maestria e a Percepção do Contexto Motivacional Orientado para Maestria, podem ser justificados, em parte, pela maior competência física percebida por crianças praticantes de esportes do que aqueles com menores Percepções de Competência Física. Esse dado suporta a décima hipótese desse estudo. Essa tendência pode ser vista no estudo de Fox et al., (1994) que evidenciou maiores escores na Orientação de Meta para Maestria em atletas que apresentaram maiores escores de Percepção de Competência Física.

Assim, com base no pressuposto da motivação para a conquista, Nicholls (1984,1992) sugere que indivíduos que possuem moderada e alta Percepção de Competência Física serão mais motivados em participar de tarefas que requerem maiores graus de destreza, trabalham arduamente na realização das tarefas propostas e persistem mais frente aos obstáculos. Treasure e Roberts (1998) sugerem que a disposição pessoal do sujeito, (Orientação de Meta) aliado à Percepção do Contexto Motivacional são determinantes para um bom desempenho esportivo. Se a meta da prática for alcançar a Maestria, tanto a disposição pessoal dos sujeitos quanto o Clima motivacional devem estar inter-relacionados em um mesmo objetivo. Conseqüentemente conquistar a maestria vai repercutir positivamente no fortalecimento das percepções de competência dos indivíduos. Os autores argumentam que a Percepção de Competência Física é um construto central, para predizer a Orientação de Metas que os atletas

irão adotar para obterem sucesso na prática esportiva. Quando o técnico considera como objetivo implementar um clima motivacional que propicie o desenvolvimento esportivo de toda a equipe, Treasure e Roberts (1992) sugerem que o mais adequado seria implementar um clima motivacional orientado para Maestria o qual possibilitará maiores oportunidades de sucesso de uma equipe, principalmente de crianças e jovens.

Em suma, observou-se nos dados encontrados que quando as Percepções de Competência Física são mais elevadas, associações mais fortes entre a orientação motivacional e a percepção do clima motivacional são observadas. Pode-se também verificar, que maiores índices de associação entre a Orientação de Meta para a Maestria e a Percepção do Contexto Motivacional Orientado para Maestria foram observados nos atletas com índices moderados e elevados de Percepção de Competência Física. Podemos deduzir com isso que a Percepção de Competência Física parece ser um construto determinante na motivação para conquista no meio esportivo.



## 5.0 Conclusão

Este estudo procurou identificar, descrever e comparar a manifestação dos construtos motivacionais (Orientação de Metas, Percepção do Contexto Motivacional e Percepção de Competência Física) em praticantes de esporte coletivos, assim como as associações entre construtos.

Com relação à orientação de Metas, pode-se deduzir que os resultados encontrados seguem prévias pesquisas realizadas no meio esportivo. Como era esperada, a orientação de meta para Maestria obteve maior pontuação do que a orientação de meta para o Ego. Esse resultado indica que as crianças praticantes de esporte desse estudo adotaram uma predominante orientação de meta para Maestria. Crianças praticantes de esporte, como as que fizeram parte desse estudo, predominantemente adotam essa orientação de meta em função das suas próprias características de personalidade, bem como, por meio da influência da personalidade do técnico, do trabalho implementado, da interação com a equipe e com outros pares significativos, como os próprios pais.

Entre os fatores que intervêm na adoção de uma orientação de Meta, destaca-se o trabalho do técnico como determinante. Assim o clima motivacional criado pelo técnico pode estar despertando nas crianças atletas, o desejo por uma prática esportiva de conquistas e realizações, características essas de Maestria. Priorizando desta forma conquistas estas que vão desde o aperfeiçoamento pessoal ao coletivo da equipe. Esse fato se reflete nas elevadas percepções de um contexto voltado para a Maestria.

Por outro lado, observou-se moderado escore de Orientação de Meta para o Ego. A adoção dessa Orientação de Meta pode ser considerada pouco vantajosa para crianças praticantes de esporte. Considerando-se os pressupostos da teoria da motivação para conquista, atletas que adotam níveis de moderados a altos de Orientação de Meta para o Ego estarão mais sujeitos a maior tensão e pressão psicológica numa competição.

Sabendo-se que crianças praticantes de esporte têm uma formação esportiva a ser realizada, no caso para aqueles que desejarem seguir carreira esportiva, uma Orientação de

Meta para o Ego poderá levar o atleta a maiores níveis de exigência, tanto pessoal quanto de seus colegas, pois como este atleta tem por comparação o desempenho de outros atletas e equipes, esse sempre estará tentando demonstrar superioridade sobre seus pares, o que às vezes não é possível. Sendo então função do técnico minimizar essa orientação de Meta do atleta, evitando a formação de expectativas incompatíveis, talvez, com a potencialidade do atleta, propiciando aos mesmos experiências de Maestria.

Outra repercussão negativa que pode ter atletas que adotam uma Orientação de Meta para o Ego é em relação ao comportamento frente às tarefas a serem desenvolvidas. Em geral, atletas que adotam orientação de meta para o Ego demonstram comportamentos mal adaptativos de aprendizagem, como estratégias inadequadas de solução de problemas, preferem tarefas fáceis e procuram trapacear frente a dificuldades.

Com relação a Percepção do Contexto Motivacional, observou-se que as crianças praticantes de esporte obtiveram índices mais elevados na Percepção do Contexto Motivacional orientado para a Maestria do que para o Ego. Esse dado nos parece ser interessante à medida que esta percepção motivacional pode estar relacionada a níveis mais elevados de motivação intrínseca, satisfação, cooperação e a crença na eficácia do esforço. Logo se pode deduzir que o clima motivacional estabelecido pelos técnicos dos clubes esportivos investigados, na percepção das crianças e adolescentes desse estudo, esta levando as crianças atletas a perceberem fatores positivos para manterem-se na prática esportiva.

Diante desse dado, a Percepção do Contexto Motivacional orientado para Maestria, pode-se sugerir que as crianças atletas desse estudo praticam esportes em um clima motivacional que possibilita o desenvolvimento integral, nas várias tarefas propostas de um treinamento. Pode se ainda inferir que esses atletas persistirão frente aos desafios propostos nas atividades.

Com relação ao Contexto Motivacional Orientado para o Ego, algumas crianças atletas desse estudo percebem essa orientação na sua prática diária. Entre as repercussões desse dado, é preocupante que as mesmas se tornem vulneráveis a pressões psicológicas e críticas em relação a sua performance. Fatores esses que tendem a repercutirem no abandono do treinamento. Embora essa preocupação esteja presente, ressalta-se que para os atletas desse estudo, os níveis moderados de Percepção do Contexto Motivacional orientado para o Ego

poderá não se constituir em um problema maior uma vez que esses atletas evidenciam orientação em outros construtos motivacionais que equilibram a motivação para a conquista, ou seja, orientação de meta para a Maestria e as Percepções de Competência Física de moderadas a altas.

Com relação a Percepção de Competência Física, as crianças praticantes de esporte desse estudo manifestaram moderada percepção de suas Competências Físicas. Com base na teoria da Motivação para Conquista e em prévios estudos, atletas com moderada à elevada Percepção de Competência Física são considerados atletas com positivas percepções de suas competências, e nesse caso pode-se deduzir, que suas competências atléticas apresentam-se, satisfatoriamente desenvolvidas. Diante disso, professores e técnicos esportivos devem procurar manter ou fortalecer as percepções de competência, até que a criança possa evidenciar então, uma relativa estabilidade em suas Percepções de Competência.

Ainda mais, crianças praticantes de esporte que se percebem com baixa Percepção de Competência Física quando na prática em um contexto esportivo que coloque ênfase no sucesso do grupo e na maestria, tenderão a frustrar-se menos e persistirem mais frente aos desafios, tentando superar seu nível de performance inicial e cooperar com a melhora da performance dos outros atletas da equipe. Se um clima de motivação para a maestria for implementado, essas crianças podem reforçar a sua competência percebida e não abandonar a prática esportiva.

Quanto às associações dos construtos motivacionais investigados, algumas considerações podem ser feitas.

Apesar da correlação entre a Orientação de Meta para o Ego e a Percepção do Contexto Motivacional orientado para o Ego não indicar causa e efeito, existe uma significativa base teórica e empírica, sugerindo que uma Orientação de Meta para o Ego adotada por um atleta e/ou um Contexto Motivacional Orientado para o Ego são construtos que deixam os atletas mais vulneráveis, quanto a pressões psicológicas tanto em treinos quanto nas competições e que na maioria das vezes são prejudiciais para o aprendizado e aperfeiçoamento das competências esportivas. Logo, essas Orientações Motivacionais para o Ego devem ser minimizadas, principalmente, com crianças e jovens atletas na prática esportiva.

Se por outro lado um atleta evidencia uma predominante Orientação de Meta para Maestria, a Percepção de Competência Física não será um problema, mesmo que este atleta esteja se percebendo pouco competente com seus esforços e/ou ajuda dos seus colegas e professores podem desempenhar com mais eficiência suas habilidades, desde que, treinem para isto em um contexto que privilegie a maestria. Evidencia-se, portanto a probabilidade desses atletas permanecerem praticando esportes ao longo de sua vida mesmo diante de desafios mais difíceis.

Com relação ao atleta que possui uma Orientação de Meta para o Ego, e percebe o Contexto Motivacional Orientado para o Ego, este tende a não persistir na prática esportiva, ainda mais se o mesmo possuir baixos escores de Percepção de Competência Física, se de fato for pouco habilidoso, e em sua equipe forem encontrados atletas mais habilidosos do que ele. As percepções de um Contexto Motivacional Orientado para o Ego podem levar este individuo a pensar que só os melhores atletas mereçam atenção dos seus pares, e que só os habilidosos aprendem novas habilidades esportivas. Esse fator torna o Contexto Motivacional para o Ego pouco vantajoso para a persistência de atletas com baixa Percepção de Competência Física.

Com relação à associação entre a Orientação de meta para Maestria e a Percepção do Contexto Motivacional orientado para Maestria, observou-se moderada associação, assim como foi observada moderada associação entre a Orientação de Meta para Maestria e a Percepção de Competência Física. Tendo em vista esse resultado das associações, deduz-se que as crianças praticantes de esporte desse estudo percebem um clima motivacional favorável ao seu desenvolvimento e aceitação enquanto atletas, reforçando portanto a necessidade de esse clima motivacional ser mantido ou aperfeiçoado pelos seus técnicos.

Diante desse estudo associativo buscou-se investigar de forma mais ampla as variáveis motivacionais que são a base da motivação para conquista. Assim, para as crianças desse estudo, as associações que tiveram maiores valores foram as que envolveram a Percepção de Competência Física em três níveis (baixa, moderada e alta), mais especificamente níveis moderados a elevados de Percepção de Competência Física, associam-se mais fortemente com os outros construtos. Com isso, constatou-se que com o nível moderado de Percepção de Competência Física obteve-se uma maior associação entre a orientação de meta para Maestria

e a Percepção do Contexto Motivacional orientado para Maestria. Deduz-se com isso que para diferentes níveis de Percepção de Competência Física, diferentes níveis de associação serão encontrados. O que pode sugerir que as crianças desse estudo variaram em seus graus de associação entre a Orientação de Metas e Percepção do Contexto Motivacional, dependendo de como percebem suas habilidades físicas. Esses dados sugerem que ao menos níveis moderados de Percepção de Competência Física devem ser desenvolvidos com crianças atletas.

Em suma, é importante em tempos atuais, onde muitas crianças estão praticando esportes nos clubes, nas escolas, em horário extracurricular, que professores/técnicos, com adequada formação técnica e teórica, saibam como motivar seus atletas para persistirem e superarem as dificuldades, frente aos obstáculos na prática esportiva, evitando causar maiores transtornos psicológicos, sociais e/ou emocionais aos mesmos.

### **Sugestão para próximos estudos:**

Realizar estudos em outros contextos de prática esportiva: Colégios, associações e ambientes de prática esportiva.

Realizar estudos de Intervenções esportivas com a implementação de contextos Motivacionais Orientadas para a Maestria, em diferentes Contextos Esportivos e faixas etárias.

Realizar estudos longitudinais e/ou semi-longitudinais para verificar possíveis modificações nestes construtos motivacionais.

Realizar estudos de investigação do Clima Motivacional real criado pelos técnicos dos atletas sobre o contexto motivacional.

Investigar as relações de causa e efeito entre esses construtos.

## 6.0 Referências

- AMES, C. Achievement goals, motivational climate, and motivational process. In: ROBERTS, Glyn C. (Ed.) **Motivation in Sport and Exercise**. Champaign, Illinois: Human Kinetics Books. (p.161-176) 273p. 1992.
- AMES, C. & AMES, R. Systems of Student and Teacher Motivation: Toward a Qualitative Definition. **Journal of Educational Psychology**, Vol.76, Nº 4, 535-556 – 1984.
- AMES, C. Competitive, Cooperative, and Individualistic Goal Structures: A Cognitive-Motivational Analysis. **Research on Motivation in Educator**. Volume 1. Student Motivation Edited by Russell Ames and Carol Ames. In Academic Press 1984.
- AMES, C. & ARCHER, J. Achievement Goals in the Classroom: Students' Learning Strategies and Motivation Processes. **Journal of Educational Psychology**, Vol. 80, Nº.3, 260-267, 1988.
- CARDOSO, M. F.S. **Fatores Motivacionais para a Prática Desportiva e suas Relações com o Sexo, Idade e Níveis de Desenvolvimento Desportivo**. Dissertação. (Mestrado em F do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.
- COPETTI, F. **Estudo Exploratório dos Atributos Pessoais de Tenistas**. Tese. (Doutorado em Ciência do Movimento Humano). Universidade Federal de Santa Maria, 2001.
- COPETTI, F. Identificação ás Metas de Orientação no Questionário sobre Percepção de Sucesso no Esporte. **Revista da Educação Física (UEM)**, vol.16, n.2, p. 139-144,2 sem, 2005.
- DUDA, L. J. Motivation in Sport Settings: a Goal Perspective Approach. In: ROBERTS, Glyn C. (Ed.) **Motivation in Sport and Exercise**. Champaign, Illinois: Human Kinetics Books. 273p. 1992.
- DUDA, L. J. Maximizing Motivation in Sport and Physical Education Among Children and Adolescents: The Case for Greater Task Involvement. **Quest**. Vol. 48, n.3, p.290-302, 1996.
- DUNN, J. C. Goal Orientations, Perceptions of the Motivational Climate, and Perceived Competence of Children with Movement Difficulties. **Adapted Physical Activity Quarterly**. Vol.17, n.1, p.1-19, 2000.
- DUDA, J.L E NICHOLLS, J.G. Dimensions of Achivement Motivation in Schoolwork and Sport. **Journal of Educacional Psychology**, Vol. 84 (3), pg. 290-299, September, 1992.
- DUDA J. L.; CHI L.; NEWTON, M. L. et al. Task and Ego Orientation and Intrinsic Motivation in Sport. **International Journal of Sport Psychology**; 26: 40-63. , 1995.

- DWECK, C. S. & LEGGETT E. L. A Social - Cognitive Approach to Motivation and Personalit. **Psychological Review**, Vol. 95, Nº. 2, 256-273, 1988.
- DWECK, C. S. Motivational Processes Affecting Learning. **American Psychological Association**, Vol. 41. Nº. 10, 1040-1048, 1986.
- FOX, K., GOUDAS, M. BIDDLE, S., Et al . Children's task and Ego goal profelis in Sport. **British Journal of educational Psychology** 64, 253-261, 1994.
- FONSECA, A. M, & BRITO P. A. Estudo confirmatório à estrutura Factorial da Versão Portuguesa do Perception of Success Questionnaire (POSQ). **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. Vol. 01, n. 3, p. 61-69, 2001.
- GAYA, A. & CARDOSO M. Os fatores Motivacionais para a Pratica Desportiva e Suas Relações com o Sexo, Idade e Níveis de Desempenho Desportivo. **Revista Perfil** - Ano 2 - Nº 2 – 1998.
- HARTER, S., WHITESELL, N. R., & KOWALSKI., P. Individual Differences in the Effects of Educational Transitions on Young Adolescent's Perceptions of Competence and Motivational Orientation. **American Educational research Journal**, Vol. 29, Nº. 4, pp. 777-807. Winter 1992.
- HARTER, S. Effectance motivation reconsidered: toward a developmental model. **Human Development**, 21, p. 34-64, 1978.
- LOCHBAUM, M. R. & ROBERTS G. C. Goal Orientations and Perceptions of The Sport Experience. **Journal of Sport & Exercice Psychology**, 15. 160-171, 1993.
- MORROW, J. G. JR., Et al. **Medida e Avaliação do Desempenho Humano**. 2ª Edição, Editora Artmed, Porto Alegre, 2003.
- MEECE, J. L. & BLUMENFELD, P. C. Students' Goal Orientations and Cognitive Engagement in Classroom Activitie. **Journal of Educational Psychology**, Vol. 80, Nº 4, 514-523, 1988.
- NICHOLLS, John, G. The General and the Specific in the Development and Expression of Achievement Motivation. In:ROBERTS, Glyn C. (Ed.) **Motivation in Sport and Exercise**. Champaign, Illinois: Human Kinetics Books. p.273, 1992.
- NICHOLLS J. G. Conceptions of Ability and Achievement Motivation. In **Motivation in Educator**, Vol. 1- Student Motivation. Ed by: Russel Ames & Carol Ames, Academic Press, In 1984.
- NTOUMANIS N. & BIDDLE S. J.H.. A Review of motivational climate in physical activity. **Journal of Sports Sciences**,17,643-665, 1999.

- NEWTON, M. & DUDA, J.L. The Interaction of Motivational Climate, Dispositional Goal Orientations, and Perceived Ability in Predicting Indices of Motivation. **International Journal Sport Psychological**, 30:63 - 82, 1999.
- NEWTON, M., DUDA, J.L. E YIN, Z. Examination of the psychometric properties of the perceived motivacional climate in sport questionnaire-2 in a sample of female atletas. **Journal of Sport Sciences**, 18, 275-290, 2000.
- OMMUNDSEN Y.; ROBERTS G. C.; KAVUSSANU M. Perceived motivational climate and cognitive and affective correlates among Norwegian athletes. **Journal of Sports Sciences**, vol. 16, no. 2, pp.153-164 (12), 1998.
- OVERWAY, L. A. G. Et al. Achievement goal perspectives, perceptions of the motivational climate, and sports personship: Individual and Team effects. **Psychology of Sport and Exercise**, Vol.4. pg. 397-413, 2003.
- PAPAIOANNOU A. Differential Perceptual and Motivational Patterns When Different Goals Are Adopted. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, 17, 18-34. 1995.
- PRUSAK, K. A Et al. The Effects of Choice on the Motivation of Adolescent Girls in Physical Education. **Journal of Teaching in Physical Education**, 23(1), January 2004.
- PENSGAARD, A. M. E ROBETS, G. C. The relationship between motivational climate, perceived ability and sources of distress among elite athletes. **Journal of Sports Sciences**. 1 March, Vol. 18 N° 3, pp. 191-200 (10), 2000.
- PETHERICK, C. M & WEIGAND, D. A. The Relationship of Dispositional Goal Orientations and Perceived Motivational Climates on Indices of Motivation in Male and Female Swimmers. **International Journal Sport Psychological**, 33: 218-237, 2002.
- REINBOTH, M. e DUDA, J.L. Perceived Motivacional Climate, Need Satisfaction and Índices of Well-Being in Team Sports: A Longitudinal Perspective. **Psychology of Sports and Exercise**, Vol. 1, N° 18, June, 2005.
- ROBERTS G. C. & TREASURE D.C. Children in Sport. **Sport Science Review**, 1 (2), 46-64. 1992.
- RUDISILL M. E. & MAHAR M. T. The Relationship Between Children's Perceived And Actual Motor Competence. **Perceptual and Motor Skills**, 76, 895-906, 1993.
- SOUZA, M. A. Et al. Validação do questionário de percepção de sucesso no esporte. **Anais do XXVI Simpósio Internacional de Ciências do Esporte**, pg. 42, n° 8, Outubro, São Paulo, 2003.



SCALON, R. M. **Fatores Motivacionais que Influem na Aderência e no Abandono dos Programas de Iniciação Desportiva Pela Criança.** Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento). Universidade Federal do Rio Grande do Sul., Porto Alegre, 1998.

SEIFRIZ, J. J.; DUDA, J. L. & CHI, L. The Relationship of Perceived Motivational Climate to Intrinsic Motivation and Beliefs about Success in Basketball. **Journal of Sport and Exercise Psychology.** Vol.14, pp. 375-392, 1992.

STANDAGE, M., DUDA, J. E NTOUMANIS, N. Predicting motivacional regulations in physical educacion: the interplay between dispositional goal orientations, motivational climate and perceived competence. **Journal of sports sciences.** August, Vol. 21. N° 8, pp. 631-647. (17), 2003.

TREASURE D.C. & ROBERTS G. C. Relationship Between Female Adolescents' Achievement Goal Orientations, Perceptions of the Motivational Climate, Belief about Sucess of Satisfation in Basketball. **Int. J. Sport Psy.**, 29: 211-230, 1998.

TREASURE D.C. & ROBERTS G. C. Applications of Achievement Goal Theory to Physical Education: Implications for Enhancing Motivation. **Revista Quest**, 47, 475-489, 1995.

TREASURE, D. C.; ROBERTS, G.C e HALL. H. K. The relantionship between children's achievement goal orientation and their beliefs about the competitive sport experience. **Journal of Sports Sciences** Vol. 10 n° 6 December, 1992.

Ulrich B. D. Perceptions of Phisical Competence, Motor Competence, and Participation in Organized Sport: Their Interrelationships in Young Children. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, Vol. 58, n° 1, pp. 57-67,1987.

VALENTINI, N.C. A Influência de uma Intervenção Motora no Desenvolvimento Motor e na Percepção de Competência de Crianças com Atrasos Motores. **Revista Paulista de Educação Física**, Vol. 16 (1) 61-75, jan/jun, 2002, São Paulo.

VALENTINI, N. C, RUDISILL, M.E & GOODWAY, J.D. Incorporating a Mastery Climate into Physical Education: It's Developmentally Appropriate. **Joperd** Vol. 70 N° 7 September 1999.

VALENTINI, N.C. Percepções de competência e desenvolvimento motor em meninos e meninas: um estudo transversal. **Revista Movimento**, Vol.8, n. 2, p. 51-62, maio/agosto, Porto Alegre, 2002.

VALENTINI, N.C. & RUDISILL, M.E. Mastery Motivational Climate Motor Skill Intervention: Replication and Follow-up. **Research Quarterly Exercise and Sport**, Vol. 71, N°.1, Supplement, March 2000.

VALENTINI, N.C. & RUDISILL, M.E. An Inclusive Mastery Climate Intervention and the Motor Skill Development of Children With and Without Disabilities. **Adapted Physical Activity Quarterly**, Vol. 21, Nº.4, Outubro 2004.

VIERA, L. F. **Os Processos Desenvolvimentais na Infância**. In. Krebs, R. J. Org. Et al. Livro Anual Sociedade Internacional para Estudos da Criança –, 1º ed. Belém – Pará. Agosto/2003.

VILLAMARÍM, F.; MAURI, C. & SANZ, A. Competencia Percebida Y Motivación Durante La Iniciación El La Práctica Del Tenis. **Revista de Psicología Del Deportes**. 13, 41-56, 1998.

WOLD, B. & KANNAS, L. Sport motivation among young adolescents in Finland, Norway and Sweden. **Scand J Med Sci Sports**, 3: 283-291, 1993.

WALLING M. D., DUDA J. L. & CHI, L. The Perceived Motivational Climate in Sport Questionnaire: Construct and Predictive Validity. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, 15 - 172-183, 1993.

WHITE, S.A & DUDA, J.L. The Relationship of Gender, Level of Sport Involvement, and Participation Motivation to Task and Ego Orientation. **International Journal of Sport Psychology**, 1994; 25: 4-18.

WALLHEAD, T.L & NTOUMANIS, N. Effects of a Sport Education Intervention on Students' Motivational Responses in Physical Education. **Journal of Teaching in Physical Education**, 23(1), January 2004.

WEINECK, J. **Manual do Treinamento Esportivo**. São Paulo: Manole Ltda, 1989.

WEISS M. R, BREDEMEMEIER B. J.& SHEWCHUK, R. M. The dynamics of Perceived Competence, Perceived Control, and Motivational Orientation in Youth Sport. In M.R. Weiss & Daniel Gould (Eds), Sport for Children and Youths (pp.89-101). **Champaign IL: Human Kinetics**, 1986.